

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# A Viuvinha

José de Alencar

Ilustrações:

Eduardo Schloesser



*Clássicos da  
Literatura Brasileira*

*Clássicos da Literatura Brasileira*

# A Viúvinha

José de Alencar



# A Viuvinha

José de Alencar

## Leitura, adaptação e revisão

Glauco Cazé

## Comentários

Malthus de Queiroz

## Ilustrações

Eduardo Schloesser

## Editoras

Isabela Nóbrega

Márcia Regina Silva

## Direção de Arte

Elto Koltz

## Projeto Gráfico

Isabel Caldas

## Coordenação Editorial



## Direitos Reservados à

Editora Prazer de Ler Ltda.

Rua Neto Campelo Júnior, 37

CEP: 50760-330 - Mustardinha - Recife / PE

Fone: (81) 3447.1178 - Fax: (81) 3422.3638

CNPJ: 14.605.341/ 0001-03

Impresso no Brasil

C386v Cazé, Glauco, 1972-

A viuvinha / José de Alencar ; adaptação de  
Glauco Cazé ; ilustrações Eduardo Schloesser. –  
Recife : Prazer de Ler, 2010.

96p.: il. – (Clássicos da literatura brasileira)

1. FICÇÃO INFANTOJUVENIL – PERNAMBUCO.

I. Alencar, José de, 1829-1877. II. Schloesser,  
Eduardo. III. Título. IV. Série: Clássicos da literatura brasileira.

CDU 869.0(81)-93

CDD 808.899 282

PeR – BPE 10-0337

ISBN: 978-85-8168-162-7

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal e Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

As palavras destacadas de amarelo ao longo do livro  
sofreram modificações com o novo Acordo Ortográfico.

# A Viuvinha

# Capítulo I

A D...<sup>1</sup>

Janeiro de 1857.

Se passasse há dez anos pela Praia da Glória, minha prima, antes que as novas ruas que se abriram tivessem dado um ar de cidade às lindas encostas do morro de Santa Teresa, veria de longe sorrir-lhe entre o arvoredo, na quebrada da montanha, uma casinha de quatro janelas com um pequeno jardim na frente.

Ao cair da tarde, havia de descobrir na última das janelas o vulto gracioso de uma menina que aí se conservava imóvel até seis horas, e que, retirando-se ligeiramente, vinha pela portinha do jardim encontrar-se com um moço que subia a ladeira, e oferecer-lhe modestamente o rosto, onde ele pousava um beijo de amor tão casto<sup>2</sup> que parecia antes um beijo de pai.

Depois, com as mãos entrelaçadas, iam ambos **sentar-se** a um canto do jardim, onde a sombra era mais intensa, e aí conversavam baixinho um tempo esquecido; ouvia-se apenas o doce murmúrio<sup>3</sup> das vozes, interrompidas por esses momentos de silêncio em que a alma emudece, por não achar no vocábulo humano outra linguagem que melhor a exprima.

O arrulhar<sup>4</sup> destes dois corações virgens durava até oito horas da noite, quando uma senhora de certa idade chegava a uma das janelas da casa, já então iluminada, e debruçando-se um pouco, dizia com a sua voz doce e amável:

— Olha o sereno, Carolina!

<sup>1</sup> Nome da prima do narrador. A opção pelo uso, tão somente da inicial maiúscula, seguida de reticências; constitui-se estratégia do autor, José de Alencar, para imprimir certo grau de intimidade ao texto e proporcionar no leitor a sensação de ser, ele próprio, um dos interlocutores da história.

<sup>2</sup> Puro, inocente.

<sup>3</sup> Palavras pronunciadas em voz baixa.

<sup>4</sup> Emitir sons; palavras doces, amorosas, em tom meigo.

A estas palavras os dois amantes se erguiam, atravessavam o pequeno espaço que os separava da casa, e subiam os degraus da porta, onde eram recebidos pela senhora que os esperava.

— Boa-noite, Dona Maria — dizia o moço.

— Boa-noite, Sr. Jorge. O Senhor vai bem? — respondia a boa senhora.

A sala da casinha era simples e pequena, mas muito elegante; tudo nela respirava esse aspecto alegre e faceiro que se ri com a vista.

Aí nessa sala passavam as três pessoas de que lhe falei um desses serões de família, íntimos e **tranquilos**, como já não os há talvez nessa bela cidade do Rio de Janeiro, invadida pelos usos e costumes estrangeiros.

Os dois moços sentavam-se ao piano; as mãozinhas distraídas da menina roçavam apenas pelo teclado, fazendo soar uns ligeiros arpejos que serviam de acompanhamento a uma conversação em meia voz.

Dona Maria, sentada à mesa do meio da sala, jogava a paciência; e quando levantava a vista das cartas, era para olhar de relance os dois moços e sorrir-se de satisfeita e feliz.

Isto durava até à hora do chá; e pouco depois Jorge retirava-se, beijando a mão da boa senhora, que neste momento tinha sempre uma ordem a dar e fingia não ver o beijo de despedida que o moço imprimia no rosto ingênuo da menina.

Agora, minha prima, se quer saber o segredo da cena que lhe acabei de descrever, cena que se repetia todas as tardes havia um mês, dê-me alguns momentos de atenção, que vou satisfazê-la.

Este moço que designei com o nome de Jorge, e que realmente tinha outro nome, em que certamente há de ter ouvido falar, era o filho de um negociante rico que falecera, deixando-o órfão ainda criança; seu tutor<sup>5</sup>, velho amigo de seu pai, zelou a sua educação e a sua fortuna, como homem inteligente e honrado que era.

---

<sup>5</sup> Protetor; defensor. Indivíduo legalmente encarregado de tutelar alguém.

Chegando à maioridade, Jorge tomou conta de seu volumoso patrimônio e começou a viver essa vida dos nossos moços ricos, os quais pensam que gastar o dinheiro que seus pais ganharam é uma profissão suficiente para que se dispensem de abraçar qualquer outra.

Temos, infelizmente, muitos exemplos dessas esterilidades<sup>6</sup> a que se condenam homens que, pela sua posição independente, podiam aspirar a um futuro brilhante.

Durante três anos o moço entregou-se a esse delírio do gozo que se apodera das almas ainda jovens; saciou-se de todos os prazeres, satisfez todas as vaidades.

As mulheres lhe sorriram, os homens o festejaram; teve amantes, luxo, e até essa glória efêmera<sup>7</sup>, auréola<sup>8</sup> passageira que brilha algumas horas para aqueles que pelos seus vícios e pelas suas extravagâncias excitam um momento a curiosidade pública.

Felizmente, como quase sempre sucede, no meio das sensações materiais, a alma se conservara pura; envolta ainda na sua virgindade primitiva, dormira todo o tempo em que a vida parecia ter-se concentrado nos sentidos, e só despertou quando, fatigado pelos excessos do prazer, gasto pelas emoções repetidas de uma existência desregrada, o moço sentiu o tédio e o aborrecimento, que é a última fase dessa embriaguez do espírito.

Tudo que até então lhe parecera cor-de-rosa tornou-se desagradável e monótono, todas essas mulheres com quem se relacionara, todas essas loucuras que o excitaram, todo esse luxo que o fascinara, causavam-lhe repugnância; **faltava-lhe** um quer que seja, sentiu um vácuo imenso; ele, que antes não podia viver senão em sociedade e na agitação do mundo, procurava a solidão.

---

<sup>6</sup> Referência à opção feita pelos homens que se negam ao trabalho decente, construtivo.

<sup>7</sup> O mesmo que passageira, transitória.

<sup>8</sup> Círculo dourado e brilhante que, nas imagens sacras, envolve a cabeça de Cristo e dos santos. Qualquer círculo luminoso que rodeia um objeto.

Uma circunstância bem simples modificou a sua existência.

Levantou-se um dia depois de uma noite de insônia, em que todas as recordações de sua vida desregrada, todas as imagens das mulheres que o haviam seduzido perpassaram como fantasmas pela sua imaginação, atirando-lhe um sorriso de zombaria e de escárnio<sup>9</sup>.

Abriu a janela para aspirar o ar puro e fresco da manhã, que vinha rompendo.

Dáí a pouco o sino da igreja da Glória começou a repicar alegremente; esse toque argentino, essa voz prazenteira do sino, causou-lhe uma impressão agradável. Vieram-lhe tentações de ir à missa. A manhã estava lindíssima, o céu azul e o sol brilhante; quando não fosse por espírito de religiosidade excitava-o a **ideia** de um belo passeio a um dos lugares mais divertidos da cidade.

---

<sup>9</sup> O mesmo que menosprezo, desprezo, desdém.





## Capítulo II

Alguns instantes depois Jorge subia a ladeira e entrava na igreja. A modesta simplicidade do templo impôs-lhe respeito; ajoelhou; não rezou, porque não sabia, mas lembrou-se de Deus, e elevou o seu espírito desde a miséria do homem até a grandeza do Criador.

Quando se ergueu, parecia-lhe que se tinha libertado de uma opressão que o fatigava; sentia um bem-estar, uma **tranquilidade** de espírito indefinível. Nesse momento, viu ajoelhada ao pé da grade que separa a capela, uma menina de quinze anos, quando muito: o perfil suave e delicado, os longos cílios que vendavam seus olhos negros e brilhantes, as tranças que realçavam a sua fronte pura, o impressionaram.

Começou a contemplar aquela menina como se fosse uma santa; e, quando ela levantou-se para retirar-se com sua mãe, seguiu-a insensivelmente até a casa que já lhe descrevi porque esta moça era a mesma de que lhe falei, e sua mãe, Dona Maria.

Não preciso contar-lhe o que se passou depois. Quem não sabe a história simples e eterna de um amor inocente, que começa por um olhar, passa ao sorriso, chega ao aperto de mão às escondidas, e acaba afinal por um beijo e por um sim, palavras sinônimas no dicionário do coração?

Dois meses depois desse dia começou aquela visita ao cair da tarde, aquela conversa à sombra das árvores, aquele serão de família, aquela doce intimidade de um amor puro e **tranquilo**.

Jorge esperava apenas esquecer de todo a sua vida passada, apagar completamente os vestígios desses tempos de loucura, para casar-se com aquela menina, e dar-lhe a sua alma pura e sem mancha.

Já não era o mesmo homem: simples nos seus hábitos e na sua existência, ninguém diria que algum tempo ele tinha gozado todos os prazeres do luxo; parecia um moço pobre e modesto, vivendo do seu trabalho e ignorando inteiramente

os cômodos da riqueza.

Como o amor purifica, D...! Como dá forças para vencer instintos e vícios contra os quais a razão, a amizade e os seus conselhos severos foram impotentes e fracos!<sup>10</sup>

Creia que se algum dia me metesse a estudar as altas questões sociais que preocupam os grandes políticos, havia de cogitar alguma coisa sobre essa força invencível do mais nobre dos sentimentos humanos.

Não há aí um sistema engenhoso que pretende regenerar o homem pervertido, fazendo-lhe germinar o arrependimento por meio da pena e despertando-lhe os bons instintos pelo isolamento e pelo silêncio?

Por que razão há de procurar-se aquilo que é contra a natureza, e desprezar-se o germe que Deus deu ao coração do homem para regenerá-lo e purificá-lo?

Perdão, minha prima; não zombe das minhas utopias sociais; desculpe-me esta distração; volto ao que sou — simples e fiel narrador de uma pequena história.<sup>11</sup>

Em amor, dois meses depressa se passam; os dias são momentos agradáveis e as horas flores que os amantes desfolham sorrindo.

Por fim chegou a véspera do casamento, que se devia fazer simplesmente em casa, na presença de um ou dois amigos; o moço, cansado dos prazeres ruidosos, fazia agora de sua felicidade um mistério.

Nenhum dos seus conhecidos sabia de seus projetos; ocultava o seu tesouro, com medo que lhe roubassem; escondia a flor do sentimento que tinha dentro da alma, receando que o hálito do mundo onde vivera a viesse secar.

---

<sup>10</sup> Note, neste período, a valorização hiperbólica do amor, característica marcante do Romantismo do século XIX, presente em outras tantas obras de José de Alencar.

<sup>11</sup> Neste período, repete-se a intenção do autor em criar uma atmosfera de intimidade entre o narrador e sua prima; proporcionando no leitor — principalmente de sua época — em alguma medida, a sensação de ser partícipe desta história de amor.

A noite passou-se simplesmente como as outras; apenas notava-se em Dona Maria uma atividade que não lhe era habitual.

A boa senhora, que exigira como condição que seus dois filhos ficassem morando com ela para alegrarem a sua solidão e a sua viuvez, temia que alguma coisa faltasse à festa simples e íntima que devia ter lugar no dia seguinte.

De vez em quando se erguia e ia ver se tudo estava em ordem, se não havia esquecido alguma coisa; e parecia-lhe que voltava aos primeiros anos da sua infância, repassando na memória esse dia, que uma mulher não esquece nunca.

Nele se passa o maior acontecimento de sua vida; ou realiza-se um sonho de felicidade, ou murcha para sempre uma esperança querida que se guarda no fundo do coração; pode ser o dia da felicidade ou da desgraça, mas é sempre uma data notável no livro da vida.

No momento da partida, quando Jorge se levantou, Dona Maria, que compreendia o que essas duas almas tinham necessidade de dizer-se mutuamente, retirou-se.

Os dois amantes apertaram-se as mãos e olharam-se com um desses olhares longos, fixos e ardentes que parecem embeber a alma nos seus raios límpidos e brilhantes. Tinham tanta coisa a dizer e não proferiam uma palavra; foi só depois de um comprido silêncio que Jorge murmurou quase imperceptivelmente:

— Amanhã!...

Carolina sorriu enrubescendo<sup>12</sup>; aquele amanhã exprimia a felicidade, a realização desse belo sonho cor-de-rosa que havia durado dois meses; a linda e inocente menina, que amava com toda a pureza de sua alma, não tinha outra resposta. Sorriu e corou.

Jorge desceu lentamente a ladeira, e ao quebrar a rua voltou-se ainda uma vez para lançar um olhar a casa. Uma luz brilhava nas trevas entre as cortinas do quarto de sua noiva; era a estrela do seu amor, que brevemente devia **transformar-se em lua de mel**.

---

<sup>12</sup> Enrubescer: tornar vermelho ou corado.



## Capítulo III

Deve fazer uma **ideia**, minha prima, do que será a véspera do casamento para um homem que ama. A alma, a vida, pousa no umbral<sup>13</sup> dessa nova existência que se abre, e daí lança um olhar para o passado e procura devassar o futuro.

Aquém a liberdade, a isenção, a **tranquilidade** de espírito, que se despedem do homem; além a família, os gozos íntimos, o lar doméstico, esse santuário das verdadeiras felicidades do mundo que acenam de longe.

No meio de tudo isto, a dúvida e a incerteza, essas inimigas dos prazeres humanos, vêm agitar o espírito e toldar<sup>14</sup> o céu brilhante das esperanças que sorriem.

O futuro valerá o passado?

E nessa questão louca e insensata debate-se o pensamento, como se a prudência e sabedoria humana pudessem dar-lhe uma solução, como se os cálculos da previdência fossem capazes de resolver o problema.

É isto pouco mais ou menos o que se passava no espírito de Jorge, quando caminhava pela Praia da Glória, seguindo o caminho de sua casa. Davam dez horas no momento em que o moço chegava à rua de Matacavalos, à porta de um pequeno sobrado, onde habitava, depois da sua retirada do mundo.

Ao entrar, o escravo preveniu-lhe que uma pessoa o esperava no seu gabinete; o moço subiu apressadamente e dirigiu-se ao lugar indicado.

A pessoa que lhe fazia essa visita fora de hora era seu antigo tutor, o amigo de seu pai, a quem por algum tempo substituiu com a sua amizade sincera e verdadeira.

O Sr. Almeida era um velho de têmpera antiga, como se dizia há algum tempo a esta parte; os anos haviam aumentado a gravidade natural de sua fisionomia. Conservava ainda toda a energia do caráter, que se revelava na vivacidade do olhar e no porte firme de sua cabeça calva.

<sup>13</sup> Entrada, limiar.

<sup>14</sup> Tornar escuro, obscurecer.

— A sua visita a estas horas... — disse o moço entrando.

— Admira-o? — perguntou o Sr. Almeida.

— Certamente; não porque isto não me dê prazer; mas acho extraordinário.

— E com efeito o é; o que me trouxe aqui não foi o simples desejo de fazer-lhe uma visita.

— Então houve um motivo imperioso?

— Bem imperioso.

— Neste caso — disse o moço —, diga-me de que se trata, Sr. Almeida; estou pronto a ouvi-lo.

O velho tomou uma cadeira, sentou-se à mesa que havia no centro do gabinete e, aproximando um pouco de si o candeeiro que esclarecia o aposento, tirou do bolso uma dessas grandes carteiras de couro da Rússia, que colocou defronte de si.

O moço, preocupado por este ar grave e solene, **sentou-se** em face e esperou com inquietação a decifração do enigma.

— Chegando a casa há pouco, entregaram-me uma carta sua, em que me participava o seu casamento.

— Não o aprova? — perguntou o moço inquieto.

— Ao contrário, julgo que dá um passo acertado; e é com prazer que aceito o convite que me fez de assistir a ele.

— Obrigado, Sr. Almeida.

— Não é isto, porém, que me trouxe aqui; escute-me.

O velho recostou-se na cadeira, e, fitando os olhos no moço, considerou-o um momento, como quem procurava a palavra por que devia continuar a conversa.

— Meu amigo — disse o Sr. Almeida —, há cinco anos que seu pai faleceu.

— Trata-se de mim então? — perguntou Jorge, cada vez mais inquieto.

— Do senhor e só do senhor.

— Mas o que sucedeu?

— Deixe-me continuar. Há cinco anos que seu pai faleceu; e há três que, tendo o senhor completado a sua maioridade, eu, a quem o meu melhor amigo havia confiado a sorte de seu filho, entreguei-lhe toda a sua herança, que administrei durante dois anos com o zelo que me foi possível.

— Diga antes com uma inteligência e uma nobreza bem raras nos tempos de hoje.

— Não houve nada de louvável no que pratiquei; cumpri apenas o meu dever de homem honesto e a promessa que fiz a um amigo.

— A sua modéstia pode ser dessa opinião; porém a minha amizade e o meu reconhecimento pensam diversamente.

— Perdão; não percamos tempo em cumprimentos. A fortuna que lhe deixara seu pai, e que ele ajuntara durante trinta anos de trabalho e de privações, consistia em cem apólices<sup>15</sup>, e na sua casa comercial, que representava um capital igual, ainda mesmo depois de pagas as dívidas.

— Sim, senhor, graças à sua inteligente administração, achava-me possuidor de duzentos contos de réis, a que dei bem mau emprego, confesso.

— Não desejo fazer-lhe críticas. O senhor não é mais meu protegido, é um homem; já não lhe posso falar com autoridade de um segundo pai, mas simplesmente com a confiança de um velho amigo.

— Mas um amigo que me merecerá sempre o maior respeito.

— Infelizmente o senhor não tem dado provas disto; durante perto de um ano acompanhei-o como uma sombra, importunei-o com os meus conselhos, abusei dos meus direitos de amigo de seu pai, e tudo isto foi em vão.

— É verdade — disse o moço abaixando tristemente a cabeça —, para vergonha minha é verdade!

— A vida elegante o atraía, a ociosidade o fascinava; o senhor lançava pela janela às mãos-cheias o ouro que seu pai havia ajuntado real a real.

— Basta; não me lembre esse tempo de loucura que eu desejava riscar da minha vida.

— Conheço que o incomodo; mas é preciso. Durante este primeiro ano, em que ainda tive esperanças de fazê-lo voltar

<sup>15</sup> Título da dívida pública. Documento que formaliza um contrato de seguro.

à razão, não houve meio que não empregasse, não houve estratégia de que não lançasse mão. Responda-me, não é exato?

— Alguma vez o neguei?

— Diga-me do fundo da sua consciência: julga que um pai no desespero podia fazer mais por um filho do que eu fiz pelo senhor?

— Juro que não! — disse Jorge estendendo a mão.

— Pois bem, agora é preciso que lhe diga tudo.

— Tudo?...

— Sim; ainda não concluí. Os seus desvarios de três anos arruinaram a sua fortuna.

— Eu o sei.

— As suas apólices voaram umas após outras, e foram consumidas em jantares, prazeres e jogos.

— Restava-me, porém, a minha casa comercial.

— Resta-lhe — continuou o velho carregando sobre esta palavra —, a sua casa comercial, mas três anos de má administração deviam naturalmente ter influído no estado dessa casa.

— Parece-me que não.

— Sou negociante, e sei o que é o comércio. Depois que o vi finalmente voltar à vida regrada, quis ocupar-me de novo dos seus negócios; indaguei, informei-me e ontem terminei o exame da sua escrituração, que obtive de seus caixeiros<sup>16</sup> quase que por um abuso de confiança. O resultado tenho-o aqui.

— O velho pousou a mão sobre a carteira.

— E então? — perguntou Jorge com ansiedade.

O Sr. Almeida, fitando no moço um olhar severo, respondeu lentamente à sua pergunta inquieta:

— O senhor está pobre!

---

<sup>16</sup> O mesmo que balconista.





## Capítulo IV

Para um homem habituado aos cômodos da vida, a essa descuidosa existência da gente rica, que tem a chave de ouro que abre todas as portas, o talismã que vence todos os impossíveis, essa palavra pobre é a desgraça, é mais do que a desgraça, é uma fatalidade.

A miséria com o seu cortejo de privações e de desgostos, a humilhação de uma posição decaída, a terrível necessidade de aceitar, senão a caridade, ao menos a boa vontade alheia, tudo isto se desenhou com as cores mais carregadas no espírito do moço à simples palavra que seu tutor acabava de pronunciar.

Contudo, como já se havia de alguma maneira preparado para uma vida difícil pelo tédio que lhe deixaram os seus anos de loucura, aceitou com uma espécie de resignação o castigo que lhe dava a Providência.

— Estou pobre — disse ele respondendo ao Sr. Almeida, não importa; sou moço, trabalharei, e como meu pai hei de fazer uma fortuna.

O velho abanou a cabeça com certa ironia misturada de tristeza.

— O senhor duvida? O meu passado dá-lhe direito para isso; mas um dia lhe provarei o contrário, e lhe mostrarei que mereço a sua estima.

— Esta promessa ma restitui toda. Mas que conta fazer?

— Não sei; a noite me há de inspirar. Liquidarei esse pouco que me resta...

— Esse pouco que lhe resta?

— Sim.

— Não me compreendeu então; disse-lhe que estava pobre; não lhe resta senão a miséria e...

— E... — balbuciou o moço pálido e com a alma suspensa aos lábios do velho, cuja voz tinha tomado uma entonação solene ao pronunciar aquele monossílabo.

— E as dívidas de seu pai — articulou o Sr. Almeida no mesmo tom.

Jorge deixou-se cair sobre a cadeira com desânimo; este último golpe o enfraquecera; a sua energia não resistia.

O velho, cuja intenção real era impossível de adivinhar, porque às vezes tornava-se benévolo como um amigo e outras severo como um juiz, encarou-o por algum tempo com uma dureza de olhar inexprimível:

— Assim — disse ele —, eis um filho que herdou um nome sem mancha e uma fortuna de duzentos contos de réis; e que, depois de ter lançado ao pó das ruas as gotas de suor da fronte de seu pai amassadas durante trinta anos, atira ao desprezo, ao escárnio<sup>17</sup> público esse nome sagrado, esse nome que toda a praça do Rio de Janeiro respeitava como o símbolo da honradez. Diga-me que título merece este filho?

— O de um miserável e de um infame, disse Jorge levantando a cabeça: eu o sou! Mas a memória de meu pai, que eu venero, não pode ser manchada pelos atos de um mau filho.

— O senhor bem mostra que não é negociante.

— Não é preciso ser negociante para compreender o que é honra e probidade<sup>18</sup>, Sr. Almeida.

Mas é preciso ser negociante para compreender até que ponto obriga a honra e a probidade de um negociante. Seu pai devia; em vez de saldar essas obrigações com a riqueza que lhe deixou, consumiu-a em prazeres; no dia em que o nome daquele que sempre fez honra à sua firma for declarado falido, a sua memória está desonrada.

— O senhor é severo demais, Sr. Almeida.

— Oh! Não discutamos; penso desta maneira; não sou rico, mas procurarei salvar o nome de meu amigo da desonra que seu filho lançou sobre ele.

— E o que me tocará a mim então?

— Ao senhor — disse o velho erguendo-se —, fica-lhe a miséria, a vergonha, o remorso, e talvez que mais tarde, o arrependimento.

---

<sup>17</sup> O mesmo que zombaria.

<sup>18</sup> Integridade de caráter, honradez.

A angústia e o desespero que se pintavam nas feições de Jorge tocavam quase à alucinação e a loucura; às vezes era como uma fraqueza que lhe paralisava a circulação, outras tinha ímpetos de fechar os olhos e atirar a matéria contra a matéria, para ver se neste embate a dor física, a anulação do espírito, moderavam o profundo sofrimento que torturava sua alma.

Por fim uma **ideia** sinistra passou-lhe pela mente, e agarrou-se a ela como um náufrago a um destroço de seu navio; o desespero tem dessas coincidências; um pensamento louco é às vezes um bálsamo consolador, que, se não cura, adormece o padecimento.

O moço ficou de todo calmo; mas era essa calma sinistra que se assemelha ao silêncio que precede as grandes tempestades. Tudo isto se passou num momento, enquanto o Sr. Almeida, com o seu sorriso irônico, abotoava até a gola da sua sobrecasaca, dispondo-se a sair.

— Estamos entendidos, senhor; pode mandar **debitar-me** nos seus livros pelas dívidas de seu pai. Boa-noite.

— Adeus, senhor.

O velho saiu direito e firme como um homem no vigor da idade.

Jorge escutou o som de suas passadas, que ecoaram surdamente no soalho, até o momento em que a porta da casa fechou-se. Então curvou a cabeça sobre o braço, apoiado ao umbral<sup>19</sup> da janela, e chorou.

Quando um homem chora, minha prima, a dor adquire um quer que seja de suave, uma voluptuosidade inexprimível; sofre-se, mas sente-se quase uma consolação em sofrer.

Vós, mulheres, que chorais a todo o momento, e cujas lágrimas são apenas um sinal de vossa fraqueza, não conheceis esse sublime requinte da alma que sente um alívio em deixar-se vencer pela dor; não compreendeis como é triste uma lágrima nos olhos de um homem.

---

<sup>19</sup> Limiar; entrada.



## Capítulo V

Uma hora seguramente se passara depois da saída do velho. O relógio de uma das torres da cidade dava duas horas. Jorge conservou-se na mesma posição; imóvel, com a cabeça apoiada sobre o braço, apenas se lhe percebia o abalo que produzia de vez em quando um soluço que o orgulho do homem reprimia, como que para ocultar de si mesmo a sua fraqueza.

Depois nem isto; ficou inteiramente calmo, ergueu a cabeça e começou a passear pelo aposento: a dor tinha dado lugar à reflexão; e ele podia enfim lançar um olhar sobre o passado, e medir toda a profundidade do abismo em que ia precipitar-se.

Havia apenas duas horas que a felicidade lhe sorria com todas as suas cores brilhantes, que ele via o futuro através de um prisma<sup>20</sup> fascinador; e poucos instantes tinham bastado para transformar tudo isto em uma miséria cheia de vergonha e de remorsos.

As oscilações da pêndula, que na véspera respondiam alegremente às palpitações de seu coração, a bater com a esperança da ventura, ressoavam agora tristemente, como os dobres monótonos de uma campa tocando pelos mortos.

Mas não era o pensamento dessa desgraça irreparável, imensa, que tanto o afligia; os espíritos fortes, como o seu, têm para as grandes dores um grande remédio, a resignação<sup>21</sup>.

A pobreza não o acovardava; a desonra, não a temia; o que dilacerava agora a sua alma era um pensamento cruel, uma lembrança terrível:

— Carolina!...

A pobre menina, que o amava, que dormia **tranquila-mente** embalada por algum sonho prazenteiro, que esperava com a inocência de um anjo e a paixão de uma mulher a hora dessa ventura suprema de duas almas a confundirem-se num mesmo beijo!

<sup>20</sup> Cristal com duas faces planas inclinadas, que decompõem a luz.

<sup>21</sup> Submissão paciente aos sofrimentos da vida.

Podia, ele, desgraçado, miserável, escarnecido, iludir ainda por um dia esse coração e ligar essa vida de inocência e de flores à existência de um homem perdido?

Não: seria um crime, uma infâmia, que a nobreza de sua alma repelia; sentia-se bastante desgraçado, é verdade, mas essa desgraça era o resultado de uma falta, de uma bem grave falta, mas não de um ato vergonhoso.

O seu casamento, pois, não podia mais efetuar-se; o seu dever, a sua lealdade exigiam que confessasse a Dona Maria e a sua filha as razões que tornavam impossível esta união.

Sentou-se à mesa e começou a escrever com uma espécie de delírio uma carta à mãe de Carolina; mas, apenas havia traçado algumas linhas, a pena parou sobre o papel.

— Seria matá-la! — balbuciou ele.

Outra **ideia** lhe viera ao espírito; lembrou-se que no estado a que tinham chegado as coisas, essa ruptura havia de necessariamente prejudicar a reputação de sua noiva.

Ele seria causa de que se concebesse uma suspeita sobre a pureza dessa menina que havia respeitado como sua irmã, embora a amasse com uma paixão ardente; e este só pensamento paralisara a sua mão sobre o papel.

Recordou-se de que Dona Maria um dia lhe havia dito:

— Jorge, a confiança que tenho na sua lealdade é tal que entreguei minha filha antes de pertencer-lhe. Lembre-se que se o senhor mudasse de **ideia**, embora ela esteja pura como um anjo, o mundo a julgaria uma moça iludida. Espero que respeite em sua noiva a sua futura mulher. E o moço reconhecia quanto Dona Maria tinha razão; lembrava-se, no tempo da sua vida brilhante, que comentários não faziam seus amigos sobre um casamento rompido às vezes por motivo o mais simples.

Deixar pesar a sombra de uma suspeita sobre a pureza de Carolina, era coisa que o seu espírito nem se animava a conceber; mas iludir a pobre menina, arrastando-a a um casamento desgraçado, era uma infâmia.

Durante muito tempo o seu pensamento debateu-se nesta alternativa terrível, até que uma **ideia** consoladora veio restituir-lhe a calma. Tinha achado um meio de tudo conciliar;

um meio de satisfazer ao sentimento do seu coração e aos prejuízos do mundo. Qual era este meio? Ele o guardou consigo e o concentrou no fundo d'alma; apenas um triste sorriso dizia que ele o havia achado, e que sobre a dor profunda que enchia o coração, ainda pairava um sopro consolador.

Toda a noite se passou nesta luta íntima.

De manhã o moço saiu e foi ver Carolina, para receber um sorriso que lhe desse forças de resistir ao sofrimento. A menina na sua ingênua afeição apercebeu-se da palidez do moço, mas atribuiu-a a um motivo bem diverso do que era realmente.

— Não dormiste, Jorge? — perguntou ela.

— Não.

— Nem eu! — disse corando.

Ela cuidava que era só a felicidade que trazia essas noites brancas, que deviam depois dourar-se aos raios do amor. Como se enganava!

De volta, Jorge dispôs tudo que era necessário para seu casamento, e fechou-se no seu quarto até a tarde.



## Capítulo VI

Quatro pessoas se achavam reunidas na sala da casa de Dona Maria. O Sr. Almeida, sempre grave e sisudo, conversava no vão de uma janela com outro velho, militar reformado, cuja única ocupação era dar um passeio à tarde e jogar o seu *voltarete*<sup>22</sup>.

O honrado negociante estava vestido em traje de cerimônia e machucava na mão esquerda um par de luvas de pele fina branca, indício certo de alguma grande solenidade, como casamento ou batizado.

Os dois conversavam sobre o projeto do desmoroamento do morro do Castelo, projeto que julgavam devia estender-se a todos os morros da cidade; era um ponto este em que o reumatismo do Sr. Almeida e uma antiga ferida do militar reformado se achavam perfeitamente de acordo.

As outras duas pessoas eram um sacerdote respeitável e uma encantadora menina, que esperavam sentados no sofá a chegada de Jorge.

— Quando será o seu dia? — dizia, sorrindo, o padre.

— É coisa em que nem penso! — respondia a moça com um gracioso gesto de desdém.

— Ande lá! Há de pensar sempre alguma vez.

— Pois não!

E, dizendo isto, a menina suspirava, minha prima, como suspiram todas as mulheres em dia de casamento: umas desejando, outras lembrando-se e muitas arrependendo-se.

A um lado da sala estava armado um oratório simples; um Cristo, algumas velas e dois ramos de flores bastavam à religião do amor, que tem as galas e as pompas do coração.

Jorge chegou às cinco horas e alguns minutos.

O Sr. Almeida apertou-lhe a mão com a mesma impassibilidade costumada, como se nada se tivesse passado entre eles na véspera.

<sup>22</sup> Jogo de baralho.

Um observador, porém, teria reparado no olhar perscrutador<sup>23</sup> que o negociante lançou ao moço, como procurando ler-lhe na fisionomia um pensamento oculto.

O padre revestiu-se dos seus hábitos sacerdotais; e Carolina apareceu na porta da sala guiada por sua mãe.

Dizem que há um momento em que toda a mulher é bela, em que um reflexo ilumina o seu rosto e dá-lhe esse brilho que fascina; os franceses chamam a isto... *la beauté du diable*.<sup>24</sup>

Há também um momento em que as mulheres belas são anjos, em que o amor casto e puro lhes dá uma expressão divina; eu, bem ou mal, chamo a isto... a beleza do céu.

Carolina estava em um desses momentos; a felicidade que irradiava no seu semblante, o rubor de suas faces, o sorriso que a florava nos seus lábios, como o nuncio<sup>25</sup> desse monossílabo que ia resumir todo o seu amor, davam-lhe uma graça feiticeira.

Envolta nas suas roupas alvas, no seu véu transparente preso à coroa de flores de laranjeira, os seus olhos negros cintilavam com um fulgor brilhante entre aquela nuvem diáfana<sup>26</sup> de rendas e sedas.

Jorge adiantou-se pálido, mas calmo, e, tomando a mão de sua noiva, ajoelhou-se com ela aos pés do sacerdote.

A cerimônia começou.

No momento em que o padre disse a pergunta solene, essa pergunta que prende toda a vida, o moço estremeceu, fez um esforço e quase imperceptivelmente respondeu. Carolina, porém, abaixando os olhos e corando, sentiu que toda a sua alma vinha pousar-lhe nos lábios com essa doce palavra:

— Sim! — murmurou ela.

A bênção nupcial, a bênção de Deus, desceu sobre essas duas almas, que se ligavam e se confundiam.

---

<sup>23</sup> O mesmo que minucioso.

<sup>24</sup> Expressão francesa que quer dizer “*a beleza do diabo*”. Na época, qualificava algo tentadoramente belo.

<sup>25</sup> O mesmo que anunciador, mensageiro, precursor.

<sup>26</sup> Que, sendo compacta, dá passagem à luz; transparente.

Pouco depois desapareceram os adornos de cerimônia e na sala ficaram apenas algumas pessoas que festejavam em uma reunião de amigos e de família a felicidade de dois corações.

Jorge às vezes esforçava-se por sorrir; mas esse sorriso não iludia sua noiva, cujo olhar inquieto se fitava no seu semblante.

Entretanto, a alegria de Dona Maria era tão expansiva; o velho militar contava anedotas tão desengraçadas e tão insignificantes, que todos eram obrigados a rir e a se mostrar satisfeitos.

Jorge, mesmo à força de vontade, conseguiu dar ao seu rosto uma expressão alegre, que desvaneceu em parte a inquietação de Carolina.

Contudo havia nessa reunião uma pessoa a quem o moço não podia esconder o que se passava na sua alma, e que lia no seu rosto como um livro aberto.

Era o Sr. Almeida, que às vezes tornava-se pensativo como se combinasse alguma **ideia** que começava a **esclarecer-lhe** o espírito; sabia que a sua presença era naquele momento uma tortura para Jorge, mas não se resolvia a retirar-se.

Deram dez horas, termo sacramental das visitas de família; passar além, só é permitido aos amigos íntimos; é verdade que os namorados, os maçantes e os jogadores de *voltarete* costumam usurpar<sup>27</sup> este direito.

Todas as pessoas levantaram-se, pois, e dispuseram-se a retirar-se.

O negociante, tomando Jorge pelo braço, afastou-se um pouco.

— Estimei — disse ele —, que a nossa conversa de ontem não influísse sobre a sua resolução.

O moço estremeceu.

---

<sup>27</sup> Exceder indevidamente.

A Viuvinha

— Era uma coisa a que estava obrigada a minha honra, mas...

O Sr. Almeida esperou a palavra, que não caiu dos lábios de Jorge. O moço tinha empalidecido.

— Mas?... — insistiu ele.

— Queria dizer que não sou tão culpado como o senhor pensa; talvez breve tenha a prova.

O negociante sorriu.

— Boa-noite, Sr. Jorge.

O moço cumprimentou-o friamente.

As outras visitas tinham saído, e Dona Maria, sorrindo à sua filha, retirou-se com ela.





## Capítulo VII

Eram onze horas da noite. Toda a casa estava em silêncio. Algumas luzes esclareciam ainda uma das salas interiores, que fazia parte do aposento que Dona Maria destinara a seus dois filhos.

Jorge, em pé no meio desta sala, de braços cruzados, fitava um olhar de profunda angústia em uma porta envidraçada, através da qual se viam suavemente esclarecidas as alvas sanefas da cortina.

Era a porta do quarto de sua noiva.

Duas ou três vezes dera um passo para dirigir-se àquela porta, e hesitara; temia profanar o santuário da virgindade; julgava-se indigno de penetrar naquele templo sagrado de um amor puro e casto.

Finalmente tentou um esforço supremo; revestiu-se de toda a sua coragem e atravessou a sala com um passo firme, mas lento e surdo.

A porta estava apenas cerrada; tocando-a com a sua mão trêmula, o moço abriu uma fresta e correu o olhar pelo aposento.

Era um elegante gabinete forrado com um lindo papel de cor azul-celeste, tapeçado de lã de cores mortas; das janelas pendiam alvas bambinelas de cassa<sup>28</sup>, suspensas às lanças douradas.

A mobília era tão simples e tão elegante como o aposento: dois consolos de mármore, uma conversadeira, algumas cadeiras e o leito nupcial, que se envolvia nas longas e alvas cortinas, como uma virgem no seu véu de castidade.

Era, pois, um ninho de amor este gabinete, em que o bom gosto, a elegância e a singeleza tinham imprimido um cunho de graça e distinção que bem revelava que a mão do artista fora dirigida pela inspiração de uma mulher.

Carolina estava sentada a um canto da conversadeira, a

<sup>28</sup> Cortina de tecido muito fino, dividida em duas partes.

A Viuvinha

alguns passos do leito, no vão das duas janelas; tinha a cabeça descansada sobre o recosto e os olhos fitos na porta da sala.

A menina trajava apenas um alvo roupão de cambraia atacado por cordões feitos de laços de fita cor de palha; o talhe do vestido, abrindo-se desde a cintura, deixava entrever o seio delicado, mal encoberto por um ligeiro véu de renda finíssima.

A indolente posição que tomara fazia sobressair toda a graça do seu corpo, e desenhava as voluptuosas ondulações dessas formas encantadoras, cuja mimosa carnação percebia-se sob a transparência da cambraia.

Seus longos cabelos castanhos de reflexos dourados, presos negligentemente, deixavam cair alguns anéis que se espreguiçavam sem forças sobre o colo aveludado, como se sentissem o êxtase desse contato sensual.

Descansava sobre uma almofada de veludo a ponta de um pezinho delicado, que rocegando a orla do seu roupão deixava admirar a curva graciosa que se perdia na sombra.

Um sorriso, ou antes um enlevo, frisava os lábios entreabertos; os olhos fixos na porta vendavam-se às vezes com os seus longos cílios de seda, que, cerrando-se, davam uma expressão ainda mais sensual ao seu rosto.

Foi em um desses momentos que Jorge entreabriu a porta e olhou: nunca vira a sua noiva tão bela, tão cheia de encanto e de sedução.

E entretanto ele, seu marido, seu amante, que ela esperava, ele, que tinha a felicidade ali, junto de si, sorriu amargamente como se lhe houvessem enterrado um punhal no coração.

Abriu a porta, e entrou.

A moça teve um leve sobressalto; e, dando com os olhos no seu amante, ergueu-se um pouco sobre a conversadeira, tanto quanto bastou para tomar-lhe as mãos e engolfar-se nos seus olhares.

Que muda e santa linguagem não falavam essas duas almas, embebendo-se uma na outra! Que delícia e que felicidade não havia nessa mútua transmissão de vida entre dois corações que palpitavam um pelo outro!

Assim ficaram tempo esquecido; ambos viviam uma mesma vida, que se comunicava pelo fluido do olhar e pelo contato das mãos; pouco a pouco as suas cabeças se aproximaram, os seus hálitos se confundiram, os lábios iam tocar-se.

Jorge afastou-se de repente, como se sentisse sobre a sua boca um ferro em brasa; desprendeu as mãos, e sentou-se pálido e lívido como um morto.

A menina não reparou na palidez de seu marido; toda entregue ao amor, não tinha outro pensamento, outra **ideia**.

Deixou cair a cabeça sobre o ombro de Jorge; e, sentindo as palpitações do seu coração sobre o seio, achava-se feliz, como se ele lhe falasse, lhe olhasse e lhe sorrisse.

Foi só quando o moço, erguendo docemente a fronte da menina, a depôs sobre o recosto da almofada, que Carolina olhou seu amante com surpresa, e viu que alguma coisa se passava de extraordinário.

— Jorge — disse ela com a voz trêmula e cheia de angústias —, tu não me amas.

— Não te amo! — exclamou o moço tristemente; se tu soubesses de que sacrifícios é capaz o amor que te tenho!...

— Oh! não — continuou a moça, abanando a cabeça. — Tu não me amas! Vi-te todo o dia triste; pensei que era a felicidade que te fazia sério, mas enganei-me.

— Não te enganaste, não, Carolina, era a tua felicidade que me entristecia.

— Pois então saibas que a minha felicidade está em te ver sorrir. Vamos, não me ames hoje menos do que me amavas há dois meses!

— Há dois momentos, Carolina, em que o amor é mais do que uma paixão, é uma loucura; é o momento em que se possui ou aquele em que se perde, o objeto que se ama.

A menina corou e abaixou os olhos sobre o tapete.

— Dize-me — tornou ela para disfarçar a sua confusão — o que sentiste hoje no momento em que as nossas duas mãos se uniram sob a bênção do padre?

Jorge estremeceu, e ia soltar uma palavra que reteve; depois disse com algum esforço:

— A felicidade, Carolina.

— Pois eu senti mais do que a felicidade; quando nossas mãos se uniam tantas vezes e que nós conversávamos horas e horas, eu era bem feliz; mas hoje, quando ajoelhamos, não sei o que se passou em mim; parecia-me que tudo tinha desaparecido, tu, eu, o padre, minha mãe, e que só havia ali duas mãos que se tocavam, e nas quais nós vivíamos!

O moço voltou o rosto para esconder uma lágrima.

— Vem cá — continuou a moça —, deixa-me apertar a tua mão; quero ver se sinto outra vez o que senti. Ah! naquele momento parecia que nossas almas estavam tão unidas uma à outra que nada nos podia separar.

A moça tomou as mãos de Jorge, e, descansando a cabeça sobre o recosto da conversadeira, cerrou os olhos e assim ficou algum tempo.

— Como agora!... — continuou ela, sorrindo. — Se fecho os olhos, vejo-te aí onde estás. Se escuto, ouço a tua voz. Se ponho a mão no coração, sinto-te!

Jorge ergueu-se; estava horrivelmente pálido. Caminhou pelo gabinete agitado, quase louco; a moça o seguia com os olhos; sentia o coração cerrado; mas não compreendia.

Por fim o moço chegou-se a um consolo sobre o qual havia uma garrafa de *Chartreuse*<sup>29</sup> e dois pequenos copos de cristal. Sua noiva não percebeu o movimento rápido que ele fez, mas ficou extremamente admirada, vendo-o apresentar-lhe um dos cálices cheio de licor.

— Não gosto! — disse a menina com gracioso enfado.

— Não queres então beber à minha saúde! Pois eu vou beber à tua.

---

<sup>29</sup> *Chartreuse* é um licor francês muito conhecido e cuja fabricação é um segredo não divulgado pelos monges da Grande Chartreuse, convento localizado nos arredores da cidade de Grenoble, na França. Diz-se que na sua composição entram inúmeras ervas, dentre as quais erva-cidreira, isopo, macis, canela e açafão.

Carolina ergueu-se vivamente e, tomando o cálice, bebeu todo o licor.

— Ao nosso amor!...

Jorge sorriu tristemente. Dava uma hora da noite.



## Capítulo VIII

Jorge tomou as mãos de sua mulher e beijou-as.

— Carolina!

— Meu amigo!

— Sabes o meu passado: já te contei todas as minhas loucuras e tu me perdoaste todas; preciso, porém, ainda do teu perdão para uma falta mais grave do que essas, para um crime talvez!

— Dize-me: esta falta faz que não me ames? — perguntou a menina um pouco assustada.

— Ao contrário, faz que te ame ainda mais, se é possível! — exclamou o moço.

— Então não é uma falta — respondeu ela, sorrindo.

— Quando souberes! — murmurou o moço, talvez me acuses.

— Tu não pensas no que estás dizendo, Jorge! — replicou a moça sentida.

— Escuta: se eu te pedir uma coisa, não me negarás?

— Pede e verás.

— Quero que me perdoes essa falta que tu ignoras!

— Causa-te prazer isto?

— Como tu não fazes **ideia!** — disse o moço com ar profundo.

— Pois bem; estás perdoado.

— Não; não há de ser assim; de joelhos a teus pés.

E o moço ajoelhou-se diante de sua mulher.

— Criança! — disse Carolina sorrindo.

— Agora dize que me perdoas!

— **Perdoo-te** e amo-te! — respondeu ela abraçando-lhe o pescoço com os braços e apertando a sua cabeça contra o seio.

Jorge ergueu-se calmo e sossegado; porém ainda mais pálido. Carolina deixou-se cair sobre a conversadeira; suas pálpebras cerravam-se a seu pesar; pouco depois tinha adormecido.

A Viuvinha

O moço tomou-a nos braços e deitou-a sobre o leito, depois foi sentar-se na conversadeira, e colocou o seu relógio sobre uma banquinha de verniz lustroso.

Assim, com a cabeça apoiada sobre a mão e os olhos fitos nas pequenas agulhas de aço que se moviam sobre o mostrador branco, passou duas horas.

Cada instante, cada oscilação, era um ano que fugia, um mundo de pensamentos que se abismava no passado.

Quando o ponteiro, devorando o último minuto, marcou quatro horas justas, ele ergueu-se. Tirou do bolso uma carta volumosa e deitou-a sobre o consolo de mármore, de onde contemplou Carolina, que dormia, sorrindo talvez à imagem dele, que em sonho lhe aparecia.

O moço inclinou-se e colheu com os lábios esse sorriso; era o seu beijo nupcial. Aí abriu uma janela e saltou no jardim.

Seguiu pela ladeira abaixo; a noite estava escura ainda; mas pouco faltava para amanhecer.

Debaixo da janela esclarecida do aposento de Carolina destacou-se um vulto que seguiu o moço a alguns passos de distância. A pessoa, qualquer que ela fosse, não desejava ser conhecida; estava envolvida em uma capa escura, e tinha o maior cuidado em abafar o som de suas pisadas.

Jorge ganhou a Rua da Lapa, seguiu pelo Passeio Público, e dirigiu-se à Praia de Santa Luzia.

O dia vinha começando a raiar; e o moço, que temia ver esvaecerem-se as sombras da noite antes de ter chegado ao lugar para onde se dirigia, apressava o passo.

O vulto o acompanhava sempre a alguma distância, tendo o cuidado de caminhar do lado do morro, onde a escuridão era mais intensa.

Quando Jorge chegou ao lugar onde hoje se eleva o Hospital da Misericórdia, esse lindo edifício que o Rio de Janeiro deve a José Clemente Pereira, o horizonte se esclarecia com os primeiros clarões da alvorada.

Um espetáculo majestoso se apresentava diante de seus olhos; aos toques da luz do sol parecia que essa baía magnífica se elevava do seio da natureza com os seus rochedos de granito, as suas encostas graciosas, as suas águas límpidas e serenas.

O moço deu apenas um olhar a esse belo panorama e continuou o seu caminho. O vulto que o seguia tinha desaparecido.



## Capítulo IX

O Rio de Janeiro ainda se lembra da triste celebridade que, há dez anos passados, tinha adquirido o lugar onde está hoje construído o Hospital da Santa Casa.

Houve um período em que quase todas as manhãs os operários encontravam em algum barranco ou entre os cômodos de pedra e de areia, o cadáver de um homem que acabara de pôr termo à sua existência.

Outras vezes ouvia-se um tiro; os serventes corriam e apenas achavam uma pistola ainda fumegante, um corpo inanimado, e sobre ele alguma carta destinada a um amigo, a um filho, ou a uma esposa.

Amantes infelizes, negociantes desgraçados, pais de família carregados de dívidas, homens ricos caídos na miséria, quase todos aí vinham, trazidos por um ímã irresistível, por fascinação diabólica.

As Obras da Misericórdia, como chamavam então este lugar, tinham a mesma reputação que o *Arco das Águas Livres de Lisboa*<sup>30</sup> e a *Ponte Nova de Paris*.<sup>31</sup>

Era o templo do suicídio, onde a fragilidade humana sacrificava em holocausto a esse ídolo sanguinário tantas vítimas arrancadas às suas famílias e aos seus amigos.

Essa epidemia moral, que se agravava todos os dias, começava já a inquietar alguns espíritos refletidos, alguns homens pensadores, que viam com tristeza os progressos do mal.

<sup>30</sup> O *Aqueduto das Águas Livres* foi mandado construir pelo Rei D. João V, a fim de fornecer água a Lisboa, de acordo com o projeto de Manuel da Maia, tendo abastecido a cidade a partir de 1748.

<sup>31</sup> A *Pont Neuf* (ponte nova) foi iniciada em 1578 pelo Rei Henrique III, mas a honra de concluir e inaugurar coube ao seu sucessor, Henrique IV. A ponte foi a primeira a não ter construções em suas duas cabeceiras, tornando o tráfego mais ágil, e também visando preservar a vista do Rio Sena a partir do Palácio do Louvre, então residência real.

Procurava-se em vão a causa daquela aberração fatal da natureza, e não era possível explicá-la.

Não tínhamos, como a Inglaterra, esse manto de chumbo, que pesa sobre a cabeça dos filhos da Grã-Bretanha; esse lençol de névoa e de vapores, que os envolve como uma mortalha.<sup>32</sup>

Não tínhamos, como a Alemanha, o idealismo vago e fantástico, excitado pelas tradições da média idade, e, modernamente, pelo romance de Goethe<sup>33</sup>, que tão poderosa influência exerceu nas imaginações jovens.

Ao contrário, o nosso céu, sempre azul, sorria àqueles que o contemplavam; a natureza brasileira, cheia de vigor e de seiva, cantava a todo o momento um hino sublime à vida e ao prazer.

O gênio brasileiro, vivo e alegre no meio dos vastos horizontes que o cercam, sente-se tão livre, tão grande, que não precisa elevar-se a essas regiões ideais em que se perde o espírito alemão.

Nada enfim explicava o fenômeno moral que se dava então na população desta corte; mas todos o sentiam e alguns se impressionavam seriamente.

Era fácil, pois, naquela época, adivinhar o motivo que levava Jorge às quatro horas da manhã ao lugar onde se abriam os largos alicerces do grande Hospital de Santa Luzia.

O moço afastou-se da praia, e desapareceu por detrás de alguns montes de areia que se elevavam aqui e ali pelo campo.

Meia hora depois ouviram-se dois tiros de pistola; os trabalhadores que vinham chegando para o serviço correram ao lugar de onde partira o estrondo, e viram sobre a areia o corpo de um homem, cujo rosto tinha sido completamente desfigurado pela explosão da arma de fogo.

---

<sup>32</sup> Note as referências históricas apresentadas por José de Alencar. São estratégias para proporcionar ao romance um maior grau de verossimilhança.

<sup>33</sup> Referência ao escritor *Joahnn Goethe* (1749-1832), autor da obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, publicado em 1774, período do **pré-romantismo** alemão.

Um dos guardas meteu a mão no bolso da sobrecasaca, e achou uma carteira contendo algumas notas pequenas, e uma carta apenas dobrada, que ele abriu e leu:

“Peço a quem achar o meu corpo o faça enterrar imediatamente, a fim de poupar à minha mulher e aos meus amigos esse horrível espetáculo. Para isso achará na minha carteira o dinheiro que possuo.”

Jorge da Silva  
5 de setembro de 1844.

Uma hora depois a autoridade competente chegou ao lugar do suicídio, e, tomando conhecimento do fato, deu as providências para que se cumprisse a última vontade do finado.

O trabalho continuou entre as cantilenas monótonas dos pretos e dos serventes, como se nada de extraordinário se houvesse passado.



## Capítulo X

Cinco anos decorreram depois dos tristes acontecimentos que acabamos de narrar. Estamos na Praça do Comércio.

Naquele tempo não havia, como hoje, corretores e zangões, atravessadores, agiotas, vendedores de dividendos, roedores de cordas, emitidores de ações; todos esses tipos modernos, importados do estrangeiro e aperfeiçoados pelo talento natural.

Em compensação, porém, ali se faziam todas as transações grandiosas; aí se tratavam todos os negócios importantes com uma lisura e uma boa-fé que se tornou conhecida à praça do Rio de Janeiro.

Eram três horas da tarde.

A praça ia fechar-se; os negócios do dia estavam concluídos; e dentro das colunas que formam a entrada do edifício, poucas pessoas ainda restavam.

Entre estas se notava um negociante, que passeava lentamente ao comprido do saguão, e que por momentos chegava-se à calçada e lançava um olhar pela Rua Direita.

Era um moço que teria quando muito trinta anos, de alta estatura e de um porte elegante; à primeira vista parecia estrangeiro.

Tinha uma dessas feições graves e severas que impõem respeito e inspiram ao mesmo tempo a afeição e a simpatia. Sua barba, de um louro cinzento, cobria-lhe todo o rosto e disfarçava os seus traços distintos.

A fronte larga e reflexiva, um pouco curvada pelo hábito do trabalho e da meditação, e o seu olhar fixo e profundo, revelavam uma vontade calma, mas firme e tenaz.

A expressão de tristeza e ao mesmo tempo de resignação que respirava nessa fisionomia devia traduzir a sua vida; ao menos fazia pressentir na sua existência o predomínio de uma necessidade imperiosa, de um dever, talvez de uma fatalidade.

Ninguém na praça conhecia esse moço, que aí aparecera havia pouco tempo; mas as suas maneiras eram tão finas, os seus negócios tão claros e sempre à vista, as suas transações tão lisas, que os negociantes nem lhe perguntavam o seu nome para aceitarem o objeto que ele lhes oferecia.

Todas as pessoas já tinham partido, e ficara apenas o moço, que sem dúvida esperava alguém; entretanto, ou porque ainda não tivesse chegado a hora adequada, ou porque já estivesse habituado a constranger-se, não dava o menor sinal de impaciência.

Finalmente a pessoa esperada apontou na entrada da Rua do Sabão e aproximou-se rapidamente.

A senhora, que talvez tenha imaginado um personagem de grande importância vai decerto sofrer uma decepção quando souber que o desconhecido era apenas um mocinho de dezenove para vinte anos.<sup>34</sup>

Um observador ou um homem prático, o que vale a mesma coisa, reconheceria nele à primeira vista um desses virtuosos do comércio, como então havia muitos nesta boa cidade do Rio de Janeiro.

A classificação é nova e precisa uma explicação.

A lei, a sociedade e a polícia estão no mau costume de exigir que cada homem tenha uma profissão; donde provém esta exigência absurda não sei eu, mas o fato é que ela existe, contra a opinião de muita gente.

Ora, não é uma coisa tão fácil, como se supõe, o ter uma profissão. Apesar do novo progresso econômico da divisão do trabalho, que multiplicou infinitamente as indústrias, e, por conseguinte, as profissões, a questão ainda é bem difícil de resolver para aqueles que não querem trabalhar.

Ter uma profissão quando se trabalha, isto é simples e natural, mas ter uma profissão honesta e decente sem trabalhar, eis o sonho dourado de muita gente, eis o problema de Arquimedes para certos homens que seguem a religião do *dolce far niente*<sup>35</sup>.

O problema se resolveu simplesmente.

---

<sup>34</sup> Note, neste período, novo contato direto do narrador com sua prima. Estratégia do autor para não se distanciar do tom de intimidade proposto desde o início da narrativa.

<sup>35</sup> Expressão italiana que significa “o doce fazer nada”. Arquimedes foi um físico e matemático, nascido por volta de 287 a.C. na Grécia.

Há uma profissão cujo nome é tão vago, tão genérico que pode abranger tudo. Falo da profissão de negociante. Quando um moço não quer abraçar alguma profissão trabalhosa, **diz-se** negociante, isto é, ocupado em tratar dos seus negócios.

Um maço de papéis na algibeira, meia hora de estação na Praça do Comércio, ar atarefado, são as condições do ofício.

Mediante estas condições o nosso homem é tido e havido como negociante; pode passear pela Rua do Ouvidor, apresentar-se nos salões e nos teatros.

Quando perguntarem quem é este moço bem vestido, elegante, de maneiras tão afáveis, responderão:

— É um negociante.

Eis o que eu chamo virtuoso do comércio, isto é, homens que cultivam a indústria mercantil por curiosidade, por simples desfastio, para ter uma profissão.

É tempo de voltar dessa longa digressão<sup>36</sup>, que a senhora deve ter achado muito aborrecida. O mocinho negociante, tendo chegado à Praça do Comércio, tomou o braço da pessoa que o esperava, dizendo-lhe:

— Está tudo arranjado.

— Seriamente? — exclamou o outro moço, cujos olhos brilharam de alegria.

— Pois duvidas!

— Então, amanhã...

— Ao meio-dia.

— Obrigado! — disse o moço apertando a mão de seu companheiro com fervor.

— Obrigado, por quê? O que fiz vale a pena de agradecer? Ora, adeus!... Vem jantar comigo.

— Não, acompanho-te até lá; mas preciso estar às quatro horas em minha casa.

Os dois moços de braço dado dobraram o canto da Rua Direita.

<sup>36</sup> Desvio de rumo ou de assunto.



## Capítulo XI

Seguiram pela Rua do Ouvidor.

— Não sei que interesse — dizia o nosso negociante continuando a conversa —, não sei que interesse tens tu, Carlos, em resgatares aquela letra! É uma especulação que algum dia te explicarei, Henrique, e na qual espero ganhar.

— É possível — respondeu o outro —, mas permitirás que duvide.

— Por quê?

— Ora, é boa! Uma letra de um homem já falecido, de uma firma falida! Aposto que não sabias disto?!

— Não; não sabia! — disse Carlos sorrindo amargamente.

— Pois então deixa contar-te a história.

— Em outra ocasião.

— Por que não agora? Reduzo-te isto a duas palavras, visto que não estás disposto a escutar-me.

— Mas...

— Trata-se de um negociante rico, que faleceu, deixando ao filho coisa de 300 contos de réis e algumas dívidas, na importância de um terço dessa quantia. O filho gastou o dinheiro, e deixou que protestassem as letras aceitas pelo pai, o qual, apesar de morto, foi declarado falido.

Enquanto seu companheiro falava, Carlos se tinha tornado pálido; conhecia-se que uma emoção poderosa o dominava, apesar do esforço de vontade com que procurava reprimi-la.

— E esse filho... o que fez? — perguntou com voz trêmula.

— O sujeito, depois de ter-se divertido à larga, quando se viu pobre e desonrado, enfatiou-se da vida, e fez viagem para o outro mundo.

— Suicidou-se!

— É verdade; mas o interessante foi que na véspera de sua morte se tinha casado com uma menina lindíssima.

— Conheces?

— Ora! quem não conhece a Viuvinha no Rio de Janeiro? É a moça mais linda, a mais espirituosa e a mais *coquette*<sup>37</sup> dos nossos salões.

A conversa foi interrompida, os dois amigos caminharam por algum tempo sem trocarem palavra.

Carlos ficara triste e pensativo; o seu rosto tinha neste momento uma expressão de dor e resignação que revelava um sofrimento profundo, mas habitual.

Quanto ao seu companheiro, fumava o seu charuto, olhando para todas as vidraças de lojas por onde passava e apreciando essa exposição constante de objetos de gosto, que já naquele tempo tornava a Rua do Ouvidor o passeio habitual dos curiosos.

De repente soltou uma exclamação, e apertou com força o braço de seu amigo.

— O que é? — perguntou este.

— Nada mais a propósito! Ainda há pouco falamos dela, e ei-la!

— Onde? — exclamou Carlos estremecendo.

— Não a viste entrar na loja do Wallerstein?

— Não, não vi ninguém.

— Pois verás.

Com efeito, uma moça vestida de preto, acompanhada por uma senhora já idosa, havia entrado na loja do Wallerstein.

A velha nada tinha de notável e que a distinguisse de outra qualquer velha; era uma boa senhora que fora jovem e bonita, e que não sabia o que fazer do tempo que outrora levava a enfeitar-se.

A moça, porém, era um tipo de beleza e de elegância. As linhas do seu rosto tinham uma pureza admirável.

Nos seus olhos negros e brilhantes radiava o espírito, esse espírito da mulher cheio de vivacidade e de malícia. Nos seus lábios mimosos brincava um sorriso divino e fascinador.

---

<sup>37</sup> Palavra de origem francesa que significa *sedutora*. Na gíria portuguesa, pode significar *vaidosa* ou *graciosa*.

Os cabelos castanhos, de reflexos dourados, coroavam sua fronte como um diadema, do qual se escapavam dois anéis, que deslizavam pelo seu colo soberbo.

Trajava um vestido de cetim preto, simples e elegante; não tinha um ornato, nem uma flor, nem outro enfeite, que não fosse dessa cor triste, que ela parecia amar.

Essa extrema simplicidade era o maior realce da sua beleza deslumbrante. Uma **jóia**, uma flor, um laço de fita, em vez de enfeitá-la, ocultariam uma das mil graças e mil perfeições que a natureza se aperfeiçoara em criar nela.

Os dois moços pararam à porta do Wallerstein; enquanto seu amigo olhava a moça com a ousadia dos homens do tom, Carlos, através da vidraça, contemplava com um sentimento inexprimível aquela graciosa aparição.

Os balconistas do Wallerstein desdobraram sobre o balcão todas as suas mais ricas e mais delicadas novidades, todas as invenções do luxo parisiense, verdadeiro demônio tentador das mulheres.

A cada um desses objetos de gosto, a cada uma das mimosas fantasias da moda, ela sorria com desdém e nem sequer as tocava com a sua alva mãozinha, delicada como a de uma menina.

As fascinações do luxo, as bonitas palavras dos balconistas e as instâncias de sua mãe, tudo foi inútil. Ela recusou tudo, e contentou-se com um simples vestido preto e algumas rendas da mesma cor, como se estivesse de luto, ou se preparasse para as festas da Semana Santa.

— Assim, depois de cinco anos — disse-lhe sua mãe em voz baixa —, persistes em conservar este luto constante.

A Viuvinha sorriu.

— Não é luto, minha mãe: é gosto. Tenho paixão por esta cor; parece-me que ela veste melhor que as outras.

— Não digas isto, Carolina; pois o azul desta seda não te assenta perfeitamente?

— Já gostei do azul; hoje o aborreço! É uma cor sem significação, uma cor morta.

— E o preto?

A Viuvinha

— Oh! O preto é alegre!

— Alegre! — exclamou um balconista, admirado dessa opinião original em matéria de cor.

— Eu pelo menos o acho — replicou a moça tomando de repente um ar sério: é a cor que me sorri.

Esta conversa durou ainda alguns minutos. Poucos instantes depois, as duas senhoras saíram e o carro que as esperava à porta desapareceu no fim da rua. Carlos **despediu-se** do seu companheiro.

— Então amanhã sem falta!

— Ah! Ainda insistes no negócio?

— Mais do que nunca!

— Bem. Já que assim o queres...

— Posso contar contigo?

— Como sempre.

— Obrigado.

Henrique continuou a passear pelas ruas, fazendo horas para o jantar. Carlos dobrou a Rua dos Ourives e dirigiu-se à casa. Morava em um pequeno sótão de segundo andar no fim da Rua da Misericórdia.





## Capítulo XII

A razão por que o moço, saindo da Rua Direita, dera uma grande volta para recolher-se não fora unicamente o desejo de acompanhar Henrique. Havia outro motivo mais sério.

Ele ocultava a sua morada a todos; o que, aliás, era-lhe fácil, porque depois de dois anos que estava no Rio de Janeiro não tinha amigos, e bem poucos eram os seus conhecidos.

Havia muito de inglês no seu trato. Quando fazia alguma transação ou discutia um negócio, era de extrema polidez. Concluída a operação, cortejava o negociante e não o conhecia mais. O homem tornava-se para ele uma obrigação, um título, uma letra de câmbio.

De todas as pessoas que diariamente encontrava na praça, Henrique era o único com quem mantinha relações, e essas mesmas não passavam de simples cortesia.

Entrando no seu aposento, Carlos fechou a porta de novo; e, sentando-se em um tamborete que havia perto da carteira, escondeu a fronte nas mãos com um gesto de desespero.

O aposento era de uma pobreza e nudez que pouco distava da miséria. Entre as quatro paredes que compreendiam o espaço de uma braça esclarecido por uma janela estreita, **via-se** a cama de lona pobremente vestida, uma mala de viagem, a carteira e o tamborete.

Na entrada da porta, dois ganchos que serviam de cabide. Na janela, cuja soleira fazia às vezes de lavatório, estavam o jarro e a bacia de louça branca, uma bilha d'água, e um copo com um ramo de flores murchas. Junto à cama, em uma cantoneira, um castiçal com uma vela e uma caixa de fósforos. Sobre a carteira, papéis e livros de escrituração mercantil.

Era toda a mobília.

Quando, passado um instante, o moço ergueu a cabeça, tinha o rosto banhado de lágrimas.

— Era um crime — murmurou ele —, mas era um grande alívio!... Coragem!

Enxugou as lágrimas, e, recobrando a calma, abriu a

carteira e dispôs-se a trabalhar. Tirou do bolso um maço de títulos e bilhetes no valor de muitos contos de réis, contou-os e escondeu tudo em uma gaveta de segredo; depois tomou nos seus livros notas das transações efetuadas naquele dia.

Fora um dia feliz.

Tinha realizado um lucro líquido de 6:000\$000. Não havia engano; os algarismos ali estavam para demonstrá-lo: os valores que guardava eram a prova.

Mas essa pobreza, essa miséria que o rodeava, e que revelava uma existência penosa, falta de todos os cômodos, sujeita a duras necessidades?

Seria um avaro?...?

Era um homem arrependido que cumpria a penitência do trabalho, depois de ter gasto o seu tempo e os seus haveres em loucuras e desvarios. Era um filho da riqueza, que, tendo esbanjado a sua fortuna, comprava, com sacrifício do seu bem-estar, o direito de poder realizar uma promessa sagrada.

Se era avareza, pois, era a avareza sublime da honra e do caráter; era a renúncia nobre do presente para remir a culpa do passado. Haverá moralista, ainda o mais severo, que condene semelhante avareza? Haverá homem de coração, que não admire essa punição imposta pela consciência ao corpo rebelde e aos instintos materiais que arrastam ao vício?

Terminadas as suas notas, esse homem, que acabava de guardar uma soma avultada, que naquele mesmo dia tinha ganho 6:000\$000 líquidos, abriu uma gaveta, tirou quatro moedas de cobre, meteu-as no bolso do colete e dispôs-se a sair.

Aquelas quatro moedas de cobre eram um segredo da expiação corajosa, da miséria voluntária a que se condenara um moço que sentia a sede do gozo e tinha ao alcance da mão com que satisfazer por um mês, talvez por um ano, todos os caprichos de sua imaginação.

Aquelas quatro moedas de cobre eram o preço do seu jantar; eram a taxa fixa e invariável da sua segunda refeição diária; eram a esmola que a sua razão atirava ao corpo para satisfação da necessidade indeclinável da alimentação.

Os ricos e mesmo os abastados vão admirar-se, por certo, de que um homem pudesse jantar no Rio de Janeiro, naquele tempo, com 160rs, ainda quando esse homem fosse um escravo ou um mendigo. Mas eles ignoram talvez, como a senhora, minha prima, a existência dessas bodegas negras que se encontram em algumas ruas da cidade, e principalmente nos bairros da Prainha e Misericórdia.

Nojenta caricatura dos hotéis e das antigas estalagens, essas locandas descobriram o meio de preparar e vender comida pelo preço ínfimo que pode pagar a classe baixa.

Quando Carlos chegou ao Rio de Janeiro, uma das coisas de que primeiro tratou de informar-se, foi do modo de subsistir o mais barato possível. Perguntou ao preto de ganho que conduzia os seus trastes, quanto pagava para jantar. O preto dispendia 80 réis. O moço decidiu que não excederia do dobro. Era o mais que lhe permitia a diferença do homem livre ao escravo.

Talvez ache a coragem desse moço inverossímil<sup>38</sup>, minha prima. É possível. Compreende-se e admira-se o valor do soldado; mas esse heroísmo modesto, esse martírio obscuro, parece exceder as forças do homem.

Mas eu não escrevo um romance, conto-lhe uma história. A verdade dispensa a verossimilhança.

Acompanhemos Carlos, que desce a escada íngreme do sobrado e ganha a rua em busca da bodega onde costuma jantar.

Passando diante de uma porta, um mendigo cego **dirigiu-lhe** essa cantilena fanhosa que se ouve à noite no saguão e vizinhança dos teatros. O moço examinou o mendigo e, reconhecendo que era realmente cego e incapaz de trabalhar, tirou do bolso uma das moedas de cobre e entrou em uma venda para trocá-la.

O balconista da taverna sorriu-se com desdém desse homem que trocava uma moeda de 40 réis, e atirou-lhe com arrogância o troco sobre o balcão. O pobre, reconhecendo

<sup>38</sup> Que não parece verdadeiro; inacreditável.

A Viuvinha

que a esmola era de um vintém, guardou a sua ladainha de agradecimentos para uma caridade mais generosa.

Entretanto o balconista ignorava que aquela mão que agora trocava uma moeda de cobre para dar uma esmola, já atirara loucamente pela janela montões de ouro e de bilhetes do tesouro. O pobre não sabia que essa ridícula quantia que recebia era uma parte do jantar daquele que a dava, e que nesse dia talvez o mendigo tivesse melhor refeição do que o homem a quem pedira a esmola.

O moço recebeu a afronta do caixeiro e a ingratidão do pobre com resignação evangélica, e continuou o seu caminho. Seguiu por um desses becos escuros que da Rua da Misericórdia se dirigem para as bandas do mar, cortando um labirinto de ruelas e travessas.

No meio desse beco via-se uma casa com uma janela muito larga e uma porta muito estreita.

A vidraça inferior estava pintada de uma cor que outrora fora branca, e que se tornara rebocada. A vidraça superior servia de tabuleta. Liam-se em grossas letras, por baixo de um borrão de tinta informe e com pretensões a representar uma ave, estas palavras: “Ao Garnizé”.

O moço lançou um olhar à direita e à esquerda sobre os passantes, e, vendo que ninguém se ocupava com ele, entrou furtivamente na tasca.





## Capítulo XIII

O interior do edifício correspondia dignamente à sua aparência. A sala, se assim se pode chamar um espaço fechado entre quatro paredes negras, estava ocupada por algumas velhas mesas de pinho.

Cerca de oito ou dez pessoas enchiam o pequeno aposento: eram pela maior parte marujos, soldados ou carroceiros que jantavam.

Alguns tomavam a sua refeição agrupados aos dois e três sobre as mesas; outros comiam mesmo de pé, ou fumavam e conversavam em um tom que faria corar o próprio Santo Agostinho antes da confissão.

Uma atmosfera espessa, impregnada de vapores alcoólicos e fumo de cigarro pesava sobre essas cabeças, e dava àqueles rostos um aspecto sinistro.

A luz que coava pelos vidros embaciados da janela mal esclarecia o aposento, e apenas servia para mostrar a falta de asseio e de ordem que reinava nesse refúgio do vício e da miséria.

No fundo, pela fresta de uma porta mal cerrada, aparecia de vez em quando a cabeça de uma mulher de 50 anos, que interrogava com os olhos os fregueses, e ouvia o que eles pediam.

Era a dona, a servente e ao mesmo tempo cozinheira dessa tasca imunda.

A cada pedido, a cabeça, coberta com uma espécie de turbante feito de um lenço de tabaco, retirava-se, e daí a pouco aparecia um braço descarnado, que estendia ao freguês algum prato de louça azul cheio de comida, ou alguma garrafa de infusão de campeche<sup>39</sup> com o nome de vinho.

Foi nesta sala que entrou Carlos.

<sup>39</sup> Nome dado à madeira pesada e dura, rica em tanino, de uma árvore da América tropical da qual se extrai uma substância corante.

Mas não entrou só; porque, no momento em que ia transpor a soleira, um homem que havia mais de meia hora passeava na calçada defronte da tasca adiantou-se e deitou a mão sobre o ombro do moço.

Carlos voltou-se admirado dessa liberdade; e ainda mais admirado ficou, reconhecendo na pessoa que o tratava com tanta familiaridade o nosso antigo conhecido, o Sr. Almeida.

O velho negociante não tinha mudado; conservava ainda a força e o vigor que apesar da idade animava o seu corpo seco e magro; no gesto a mesma agilidade; no olhar o mesmo brilho; na cabeça grisalha o mesmo porte firme e direito.

— Está espantado de ver-me aqui? — disse o Sr. Almeida sorrindo.

— Confesso que não esperava — respondeu o moço, confuso e perturbado.

— O mal pode ocultar-se; o bem se revela sempre — acrescentou o velho em tom sentencioso.

— Que quer dizer?

— Entremos.

— Para quê?

— O senhor não ia entrar?

Carlos recuou insensivelmente da porta, e, querendo esconder do velho negociante o seu nobre sacrifício, fez um esforço, e balbuciou uma mentira:

— Passava... por acaso... Vou ao Largo do Moura...

O Sr. Almeida fitou os seus olhos pequenos, mas vivos, no rosto do moço, que não pôde deixar de corar; e, **apertando-lhe** a mão com uma expressão significativa, disse-lhe:

— Sei tudo!

— Como? — perguntou Carlos admirado ao último ponto.

— É aqui que costuma jantar. E por isso adivinho qual tem sido a sua existência durante estes cinco anos. Impôs-se a si mesmo o castigo da sua antiga abundância; puniu o luxo de outrora com a miséria de hoje. É nobre, mas é exagerado.

— Não, senhor; é justo. O que possuo atualmente, o que adquiro com o meu trabalho, não me pertence; é um depósito,

que Deus me confia, e que deve servir não só para pagar as dívidas de meu pai, como também a dívida sagrada que contraí para com uma moça inocente.

— Gastar esse dinheiro seria roubar, Sr. Almeida.

— Bem; não argumentemos sobre isto; não se discute um generoso sacrifício: admira-se. Venha jantar comigo.

— Não posso — respondeu o moço.

— Por quê?

— Não aceito um favor que não posso retribuir.

— Quem faz o favor é aquele que aceita e não o que oferece. Demais, eu pobre, nunca me envergonhei de sentar-me à mesa de seu pai rico, acrescentou o velho com severidade.

— Desculpe!

O velho tomou o braço de Carlos, e dirigiu-se com ele ao Hotel Pharoux, que naquele tempo era um dos melhores que havia no Rio de Janeiro; ainda não estava transformado em uma casa de banhos e um ninho de dançarinas.

Poucos instantes depois, estavam os dois companheiros sentados a uma das mesas do salão; e o Sr. Almeida, com um movimento muito pronunciado de impaciência, instava para que o moço concordasse na escolha do jantar que ele havia feito à vista da data.

Carlos recusava com excessiva polidez os pratos esquisitos que o velho lembrava, e a todas as suas instâncias respondia sorrindo:

— Não quero adquirir maus hábitos, Sr. Almeida.

O velho reconheceu que era inútil insistir.

— Então o que quer jantar?

Carlos escolheu dois pratos.

— Somente?

— Somente.

— Não me meto mais a teimar com o senhor, respondeu o velho olhando de encontro à luz o rubi líquido de um cálice de excelente vinho do Porto.

Serviu-se o jantar.

O Sr. Almeida comeu com a consciência de um homem que paga bem e que não lastima o dinheiro gasto nos objetos

necessários à vida. Satisfez o estômago e deixou apenas esse pequeno vácuo, tão difícil de encher, porque só admite a flor de um manjar saboroso ou de uma iguaria delicada.

Então, bebendo o seu último cálice de vinho do Porto, passando na boca as pontas do guardanapo, cruzou os braços sobre a mesa com ar de quem dispunha a conversar.

— Pode acender o seu charuto, não faça cerimônia.

— Já não fumo — respondeu Carlos simplesmente.

— O senhor já não é o mesmo homem. Não come, não bebe, não fuma; parece um velho da minha idade.

— Há uma coisa que envelhece mais do que a idade, Sr. Almeida: é a desgraça. E além disto o senhor tem razão; não sou, nem posso ser o mesmo homem; já morri uma vez, acrescentou em voz baixa.

— Mas há de ressuscitar.

— É essa a esperança que me alimenta.

— E como vai esse negócio? — perguntou o velho com interesse.

— Tem-me custado recolher as letras de meu pai; já paguei 60:000\$, e amanhã devo pagar 5:000\$; seis letras que me faltam não sei onde se acham. Se eu pudesse anunciar... Mas, na minha posição, receio comprometer-me.

— Pensou bem. Porém só restam por pagar essas seis letras?

— Unicamente.

— Quer saber então onde elas estão?

— É o maior favor que me pode fazer.

— Com uma condição.

— Qual?

— Que há de ouvir-me como se fosse seu pai quem lhe falasse — disse o velho, estendendo a mão.

Por toda a resposta o moço apertou, com fervor e reconhecimento, a mão leal do honrado negociante.

— Essas seis letras — disse o Sr. Almeida — estão em meu poder.

— Ah!

— Lembra-se do que lhe disse, há cinco anos, na véspera

do seu casamento?

— Lembro-me de tudo.

— Era minha intenção salvar a firma de meu melhor amigo... de seu pai. Mas a sua morte suposta **impossibilitou-me**. O passivo da casa excedia as minhas forças. Os credores reuniram-se e resolveram fazer declarar a falência.

— De um homem morto.

— É verdade. Não o pude evitar. O mais que consegui foi abafar este negócio, comprando a alguns credores mais impacientes as suas dívidas. Eis como essas letras vieram parar à minha mão.

— Obrigado, Sr. Almeida — disse o moço comovido, ainda lhe devo mais esse sacrifício.

— Está enganado — respondeu o velho querendo dar à sua voz a aspereza habitual; não fiz sacrifício; fiz um bom negócio; comprei as letras com um rebate de 50%, ganho o dobro.

— Mas quando as comprou não tinha esperança de ser pago.

— Tinha confiança na sua honra e na sua coragem.

— E se eu não voltasse.

— Era uma transação frustrada; a fortuna do negociante está sujeita a estes riscos.

— Felizmente, Deus ajudou-me e quis que um dia pudesse agradecer-lhe sem envergonhar-me, esse benefício. O que tinha sido da sua parte uma dádiva generosa, tornou-se um empréstimo que devo pagar-lhe hoje mesmo.

— Não consinto, prometeu-me ouvir como a seu pai, eis o que ele lhe ordena pela minha voz. Todas as suas dívidas acham-se pagas; a sua honra está salva; é tempo de voltar ao mundo.

— Mas as seis letras que estão em sua mão? — interrompeu o moço.

— Aqui as tem — disse o Sr. Almeida entregando-lhe um pequeno maço.

— Devo-lhe então...

— Deve o que dei por elas; e me pagará quando lhe for possível.

— Não sei quanto lhe custaram esses títulos; sei que eles representam um valor emprestado a meu pai. O senhor podia perder; é justo que lucre.

— Bem; faça o que quiser.

— Quanto ao pagamento, posso realizá-lo imediatamente; já o teria feito se há mais tempo soubesse que esses títulos lhe pertenciam.

— Eu ocultei-os de propósito. Quando chegou dos Estados Unidos e me comunicou o que tinha feito e o que pretendia fazer, resolvi, para facilitar-lhe o cumprimento de seu dever, deixar que o senhor pagasse primeiro os estranhos.

— Agora, porém, essa dificuldade desapareceu; vamos à minha casa.

— Para quê?

— Para receber o que lhe devo.

— Não tratemos disso agora.

— Escute, Sr. Almeida; depois de cinco anos de provação e misérias, não sei o que Deus me reserva. Mas, se ainda há neste mundo felicidade para mim, antes de aceitá-la é preciso que eu tenha reparado todos os meus erros; é preciso que eu me sinta purificado pela desgraça. Uma dívida, embora o credor seja um amigo, se tornaria um remorso. Tenho dinheiro suficiente para pagá-la.

— E que lhe restará?

— Um nome honrado, e a esperança.

O Sr. Almeida resignou-se e acompanhou Carlos até à sua casa. Aí, o moço abriu a carteira, e, tirando os valores que há pouco havia guardado, entregou ao negociante a quantia de 30:000\$ representada pelo algarismo das seis letras.

— Já lhe disse que só me deve 15:000\$ — disse o velho recusando receber.

— Devo-lhe o valor integral destes títulos; se a firma de meu pai não inspirou confiança aos outros, para seu filho ela não sofre desconto.

Enquanto o Sr. Almeida, mordendo os beiços, guardava as notas do banco e os bilhetes do tesouro, Carlos abria uma pequena carteira preta, e, depois de beijar a firma de seu pai

---

escrita no aceite, fechou com as outras essas últimas letras que acabava de pagar.

— Aqui está a minha fortuna — disse, sorrindo com altivez.

— Tem razão — respondeu o velho —, porque aí está o mais nobre exemplo de honestidade.

— E também o mais belo testemunho de uma verdadeira amizade.

— Jorge!... — exclamou o negociante, comovendo-se.

Alguns instantes depois, o Sr. Almeida despediu-se do moço.

— Não necessito recomendar-lhe uma coisa, disse Jorge ao negociante.

— O quê?

— A continuação do segredo. Nem uma palavra!... Quando for tempo, eu mesmo o revelarei. Ainda não sou Jorge.

— Que falta?

— Depois lhe direi.

E separaram-se.



## Capítulo XIV

As últimas palavras do velho negociante esclareceram um mistério que já se achava quase esclarecido.

Jorge era o verdadeiro nome desse moço que morrera para o mundo, e que durante cinco anos vivera como um estranho sem família, sem parentes, sem amigos, ou como uma sombra errante condenada à expiação das suas faltas.

A página em que eu devia ter escrito as circunstâncias desse fato ficou em branco, minha prima; agora, porém, podemos lê-la claramente no espírito de Jorge, que, sentado à sua carteira, triste e pensativo, repassa na memória esses anos de sua vida, desde a noite do seu casamento.

Acompanhando o moço no seu sinistro passeio às obras da Santa Casa de Misericórdia, o vimos sumir-se por entre os cômodos de areia que se elevavam por toda essa vasta quadra em que está hoje assentado o Hospital de Santa Luzia.

O vulto que o seguia de perto, embuçado em uma capa e tomando todas as precauções para não ser conhecido nem pressentido pelo moço, desapareceu como ele nas escavações do terreno.

Jorge, como todo homem que depois de longa reflexão toma uma resolução firme e inabalável, estava ansioso por chegar à peripécia desse drama terrível; por isso parou no primeiro lugar que lhe pareceu favorável ao seu propósito.

Mas um espetáculo ainda mais horrível do que o seu pensamento apresentou-se a seus olhos; viu a realização dessa **ideia** louca que desde a véspera dominava o seu espírito.

Um infeliz, levado pela mesma vertigem, o tinha precedido; seu corpo jazia sobre a areia na mesma posição em que o surpreendera a morte instantânea, meio recostado sobre o declive do terreno.

A cabeça era uma coisa informe; o tiro fora carregado com água para tornar a explosão surda e mais violenta; as feições haviam desaparecido, e não deixavam reconhecer o desgraçado.

Naturalmente quis ocultar a sua morte, para poupar à sua família o escândalo e a impressão dolorosa que sempre deixam esses atos de desespero.

Aquele espetáculo horrorizou o moço: em face da realidade seu espírito recuou; houve mesmo um instante em que se espantou da sua loucura; e voltou o rosto para não ver esse cadáver, que parecia escarnecer dele.

Mas a lembrança do que o esperava, se voltasse, triunfou; julgou-se inevitavelmente condenado; e chamou covardia o grito extremo da razão que sucumbia.

Tirou as suas pistolas, e armou-as sorrindo tristemente; depois ajoelhou e começou uma prece.

Desvario incompreensível da criatura que, ofendendo a Deus, ora a esse mesmo Deus! Demência extravagante do homem que pede perdão para o crime que vai cometer!

Quando o moço, terminada a sua prece, erguia as duas pistolas e ia aplicar os lábios à boca da arma assassina, o vulto que o tinha acompanhado, e que se achava nesse momento de pé, atrás dele, com um movimento rápido paralisou-lhe os braços.

Jorge ergueu-se precipitadamente, e achou-se em face do homem que se opusera à sua vontade de uma maneira tão brusca.

Era o Sr. Almeida.

O velho, com a sua perspicácia e com os exemplos de tantos fatos semelhantes em uma época em que dominava a vertigem do suicídio, adivinhara as intenções do moço.

Aquela pronta resignação, aquela espécie de contradição entre os nobres sentimentos de Jorge e a calma que ele afetava, deram-lhe uma quase certeza do que ele planejava.

Não quis interrogá-lo, convencido que lhe negaria. Resolveu espia-lo durante aquela noite, até que pudesse avisar a Carolina do que se passava, a fim de que ela defendesse pelo amor uma vida ameaçada por loucos prejuízos.

Sua expectativa realizou-se; recostado no muro da chácara que ficava fronteira às janelas do quarto da noiva, acompanhou por entre as cortinas toda a cena noturna que descrevi; conheceu a agitação do moço, viu-o deitar algumas

gotas de ópio no cálice de licor que deu à sua mulher; não perdeu nem um incidente, por menor que fosse.

Um instante, enquanto o moço meditava, com os olhos no mostrador do seu relógio, o Sr. Almeida receou que ele quisesse fazer do quarto da noiva um aposento mortuário; mas respirou quando o viu saltar na rua.

Seguiu-o, e, pela direção adivinhou o desenlace da cena de que fora espectador; preparou-se, pois, para representar também o seu papel; e por isso achava-se em face de Jorge no momento supremo em que a sua intervenção se tornara necessária.

O primeiro sentimento que se apoderou do moço, vendo o Sr. Almeida, foi o do acanhamento; teve vergonha do que praticava e pareceu-lhe fraqueza aquilo que há pouco julgava um ato de heroísmo.

Logo depois o despeito e o orgulho sufocaram esse bom impulso.

— Que veio fazer aqui? — perguntou com arrogância.

— Evitar um crime — respondeu o velho com severidade.

— Enganou-se — disse Jorge secamente.

— Não me enganei, porque estou certo de que não há homem que depois de escutar a razão cometa semelhante loucura. Qual é o benefício que lhe pode dar a morte?

— Salvar-me da desonra.

— Uma desonra não lava outra desonra. O homem que atenta contra sua vida, é fraco e covarde...

— Sr. Almeida!

— É covarde, sim! Porque a verdadeira coragem não sucumbe com um revés; ao contrário luta, e acaba por vencer. Matando-se, o senhor rouba os seus credores, porque tira-lhes a última garantia que eles ainda possuem, a vida de um homem.

— E que vale esta vida?

— Vale o trabalho.

— E o sofrimento!

— É verdade; mas não temos direito de sacrificar a um pensamento egoísta aquilo, que não nos pertence. Se a sua existência está condenada ao sofrimento, deve aceitar essa punição que Deus lhe impõe, e não revoltar-se contra ela.

Jorge abaixou a cabeça; não sabia o que responder àquela lógica inflexível.

— Escute, disse o velho depois de um momento de reflexão, o que teme o senhor dessa desonra que vai recair sobre a sua vida? Teme ver-se condenado a sofrer o desprezo do mundo, e sentir o escárnio e o insulto sem poder erguer a fronte e repeli-lo; teme enfim que a sua existência se torne um suplício de vergonha, de remorso e de humilhação! não é isto?!

— Sim! — balbuciou o moço.

— Pois não é preciso cometer um crime para **livrar-se** dessa tortura; morra para o mundo, morra para todos; porém viva para Deus, e para salvar a sua honra e expiar o seu passado.

— Que quer dizer? — perguntou o moço admirado.

— Ali está o corpo de um infeliz; é um cadáver sem nome, sem sinais que digam o que ele foi; deite sobre ele uma carta, desapareça, e daqui a uma hora o senhor terá deixado de existir.

— E depois?

— Depois, como um desconhecido, como um estranho que entra no mundo tendo a lição da experiência e a alma provada pela desgraça, procure remir as suas culpas. Um dia talvez possa reviver e encontrar a felicidade.

Jorge refletiu:

— Tem razão — disse ele.

Pouco depois ouviu-se um tiro; os trabalhadores das obras que iam chegando encontraram um cadáver mutilado e a carta de Jorge; ao mesmo tempo o moço e o Sr. Almeida ganhavam pelo lado oposto a Praia de Santa Luzia.

Passava um bote a pouca distância de terra; o velho acenou-lhe que se aproximasse. O acaso nos favorece, disse ao moço; sai amanhã para os Estados Unidos um navio que me foi consignado; é melhor embarcar agora, para não excitar desconfianças; hoje mesmo lhe tirarei um passaporte.

O bote aproximou-se; o embarque nestas paragens é incômodo; mas a situação não admitia que se atendesse a isto.

Eram nove horas quando o Sr. Almeida, tendo deixado Jorge na barca americana e tendo tomado um carro na primeira cocheira, chegou à casa de Dona Maria.

A boa senhora recebeu-o com um sorriso; estava sentada na sala próxima ao quarto de sua filha e esperava **tranquilamente** que seus filhos acordassem. O velho, vendo aquela serena felicidade, hesitou; não teve ânimo de enlutar esse coração de mãe.

Nisto a porta do quarto abriu-se, e Carolina, branca como a cambraia que vestia, apareceu na porta, tendo na mão a carta de Jorge.

A mãe soltou um grito; a filha não podia falar; e assim passou um momento de tortura, em que uma dessas dores procurava em vão adivinhar a desgraça, e a outra se esforçava por achar uma palavra que a revelasse.

No dia seguinte, Jorge partia para os Estados Unidos, e Carolina trocava suas vestes de noiva por esse vestido preto que nunca mais deixou.

Seria longo descrever a vida desse moço, morto para o mundo e existindo contudo para sofrer; durante cinco anos alimentou-se de recordações e de uma esperança que lhe dava forças e coragem para lutar.

O amor de Carolina, talvez mais do que o sentimento da honra, o animava; trabalhou com uma constância e um ardor infatigáveis, e ganhou para pagar todas as dívidas de seu pai.

Logo que se achou possuidor de uma soma avultada, Jorge preferiu vir acabar a sua expiação no seu país, onde ao menos se sentiria perto daqueles que amava.

De fato chegou ao Rio de Janeiro com o nome de Carlos Freeland; dava-se por estrangeiro; alguns, porém, julgavam que nascera no Brasil e que aí vivera muito tempo, mas não se recordavam de o ter visto.

A desgraça tinha mudado completamente a sua fisionomia; do moço tinha feito um homem grave; além disso, a barba crescida ocultava a beleza dos seus traços.

O seu primeiro cuidado foi procurar o Sr. Almeida e pedir-lhe que o auxiliasse no resgate das letras, que devia ser

A Viuvinha

feito de modo que ninguém o suspeitasse. O que fez o velho negociante, já o sabe.

Como disse, Jorge ocultava sua vida de todos e do próprio velho; sofria corajosamente a miséria a que se condenara, mas não queria que ela tivesse uma testemunha.

O Sr. Almeida, porém, surpreendera o segredo.





## Capítulo XV

Vou levá-la, D..., à mesma casinha do Morro de Santa Teresa onde começou esta pequena história.

São dez horas da noite. Penetremos no interior.

Dona Maria acabava de recolher-se, depois de ter beijado sua filha; toda a casa estava em silêncio; apenas havia luz no aposento de Carolina.

Esse aposento era a mesma câmara nupcial, onde cinco anos antes aquela inocente menina adormecera noiva para acordar viúva, no dia seguinte ao do seu casamento.

Nada aí tinha mudado, a não ser o coração humano.

Cinco anos que passaram por esse berço de amor, transformado de repente em um retiro de saudade, não haviam alterado nem sequer a colocação de um traste ou a cor de um ornato da sala.

Apenas o tempo empalidecera as decorações, **roubando-lhes** a pureza e o brilho das coisas novas e virgens; e a desgraça enlutara a rola, que se dizia viúva no seu ninho solitário.

Carolina estava sentada na conversadeira onde na primeira e última noite de seu casamento recebera seu marido, quando este, trêmulo e pálido, se animara a transpor o limiar desse aposento, sagrado para ele como um templo.

Justamente naquele momento, esse quadro se retraçava na memória da menina com uma força de recordação tal que fazia reviver o passado. O seu espírito, depois de saturar-se do amargo dessas recordações, desfiava rapidamente a teia de sua existência desde aquela época.

Quer saber naturalmente o segredo dessa vida, não é, minha prima?

Aqui o tem.

Nos primeiros dias que se seguiram à catástrofe, Carolina ficou sepultada nessa letargia da dor, espécie de idiotismo pungente, em que se sofre, mas sem consciência do sofrimento.

Dona Maria e o Sr. Almeida, que a desgraça tinha feito amigo dedicado da família, tentaram em vão arrancar a moça a esse torpor e sonolência moral. O golpe fora terrível; aquela alma inocente e virgem, bafejada pela felicidade, sentira tão forte comoção que perdera a sensibilidade.

O tempo dissipou esse letargo<sup>40</sup>. A consciência acordou e mediou todo o alcance da perda irreparável. Sentiu então a dor em toda a sua plenitude, e à profunda apatia sucedeu uma irritação violenta. O desespero penetrou muitas vezes e assolou esse coração jovem.

Mas a dor, a enfermidade da alma, como a febre, a enfermidade do corpo, quando não mata nos seus acessos, acalma-se. O sofrimento em Carolina, depois de a ter torturado muito, passou do estado agudo ao estado crônico.

Vieram então as lágrimas, as tristes e longas meditações, em que o espírito evoca uma e mil vezes a lembrança da desgraça, como uma tenta que mede a profundidade da chaga, em que se acha um prazer acerbo no magoar das feridas que se abrem de novo.

A pouco e pouco o que havia de amargo nessas recordações se foi adoçando: as lágrimas correram mais suaves; o seio, que o soluço ofegava, pulsou brandamente a suspirar. E, como no céu pardo de uma noite escura surge uma estrela que doura o azul, a saudade nasceu na alma de Carolina e derramou a sua doce luz sobre aquela tristeza.

Tinha decorrido um ano.

Começou a viver dentro do seu coração, com as lembranças do seu amor, como uma sombra que sentava-se a seu lado, que lhe murmurava ao ouvido palavras sempre repetidas e sempre novas.

Sonhava no passado; diferente nisso das outras moças, que sonham no futuro. Mas um coração de 15 anos é um tirano a que não há resistir; e Carolina não contara com ele.

Quando uma planta delicada nasce entre a sarça, muitas vezes o fogo queima-lhe a rama e o hastil; ela desaparece, mas não morre, que a raiz vive na terra; e às primeiras águas

<sup>40</sup> O mesmo que sono profundo.

brotar e germinar com toda a força de vegetação que incubara no tempo de sua mutilação.

O coração de Carolina fez como a planta. Apenas aberto, a desgraça o cerrara; mas veio a calma e ele tornou-se a abrir. A princípio bastou-lhe a saudade para enchê-lo; depois desejou mais, desejou tudo. Tinha sede de amor; e não se ama uma sombra.

O mundo ao longe corria às vezes o pano a uma das suas brilhantes cenas e mostrava à menina refugiada no seu retiro e na sua saudade a auréola que cinge a fronte das mulheres belas; auréola que aos outros parece brilho de luz, mas que realmente é para aquelas que a trazem, chama de fogo.

Carolina resistia envolvendo-se na branca mortalha de seu primeiro amor; mas a tela fez-se transparente, e não lhe ocultou mais o que ela não queria ver. Sentiu-se arrastar e teve medo.

Teve medo de esquecer.

Não descreverei, minha prima, a luta prolongada e tenaz que travaram na alma dessa menina a saudade e a imaginação. A senhora, se algum dia amou, deve compreender a luta e o resultado dela. O mundo venceu. Carolina tinha 15 anos e não havia sorvido do amor senão perfumes.

Mas, ainda vencida, ela defendeu contra a sociedade as suas recordações, que se tornaram então um culto do passado. Entrou nos salões, porém com esse vestido preto, que devia lembrar-lhe a todo o momento a fatalidade que pesara sobre a sua existência.

Excitou a admiração geral pela sua beleza. Não houve talento, posição e riqueza que se não rojasse<sup>41</sup> a seus pés. Sabiam vagamente a sua história; suspeitavam a virgindade sob aquela viuvez, e se lhe dava um toque de romantismo que inflamava a imaginação dos moços à moda.

Chamavam-na a Viuvinha.

A senhora deve tê-la encontrado muitas vezes, minha prima, no tempo em que começou a frequentar a sociedade. Estava ela então no brilho de sua beleza. Na menina gentil e

<sup>41</sup> Lançar; arremessar; atirar.

graciosa encarnara a natureza a mulher com todo o luxo das formas elegantes, com toda a pureza das linhas harmoniosas.

A influência que o vestido preto devia exercer sobre essa organização ardente revelou-se logo. O vestido preto era o símbolo de uma decepção cruel; era a cinza de seu primeiro amor; era uma relíquia sagrada que respeitaria sempre. Enquanto ele a cobrisse parecia-lhe que nenhuma afeição penetraria o seu coração e iria profanar o santo culto que consagrava à imagem de seu marido.

Era uma superstição; mas que alma não as tem quando a crença ainda não a abandonou de todo!

Assim, Carolina tornou-se *coquette*; ouvia todos os protestos de amor, mas para zombar deles; o seu espírito se interessava nessa comédia inocente de sala; a sua malícia representava um papel engenhoso; mas o coração foi mudo espectador.

Era quando voltava do baile, à noite na solidão do seu quarto, que o coração vivia ainda no passado, no meio das tristes recordações que despertavam quando o mundo dormia. Ali tudo lhe retraçava a noite fatal; só havia de mais o luto, e de menos um vulto de homem, porque a sua imagem, ela a tinha nos olhos e na alma.

Dizem que não se pode brincar com o fogo sem **queimar-se**. O amor é um fogo também, e Carolina, que brincava com ele, zombando dos seus protestos, acabou por crer.

Ela se tinha preparado para combater o amor brilhante, ruidoso, fascinador, dos salões; mas não se lembrou de que ele podia vir, modesto, obscuro e misterioso, enlear-se às cismas melancólicas de sua solidão.

Esta parte da vida de Carolina é um romance.

Havia 18 meses que, um dia, sua vista ao acordar fitou-se na janela que a mucama acabava de abrir para despertá-la. Há um prazer indizível em embeberem-se os olhos na luz de que durante uma noite estiveram privados.

Carolina gozava desse prazer, que nos faz parecer tudo novo e mais belo do que na véspera, quando descobriu entre o vidro da janela um papel dobrado como uma sobrecarta ele-

gante. A curiosidade obrigou-a a erguer-se, levantar a vidraça e tirar o objeto que lhe despertara a atenção.

Era realmente uma sobrecarta, fechada com este endereço: a ela.

Não creio que haja mulher no mundo que não abra a aquela sobrecarta misteriosa. Carolina hesitou dez minutos, no que mostrou uma força de vontade admirável, porque outras no seu lugar a abririam no fim de dez segundos.

Não havia dentro nem carta, nem bilhete, nem uma frase, nem uma palavra; mas uma flor só, uma saudade.

Este pequeno acontecimento ocupou mais o espírito da moça do que os bailes, os teatros e os divertimentos que frequentava. Pensou no enigma esse dia e os seguintes, porque todas as manhãs achava a mesma carta sem palavras e a mesma flor.

Quando isso tomou ares de uma perseguição amorosa, a moça revoltou-se, e deixou de tirar as cartas, que ficaram no mesmo lugar onde as tinham posto. Parecia que o autor dessa correspondência ou não se importava com a indiferença que lhe mostrava Carolina ou contava vencê-la à força de constância.

Uma vez Carolina, não sei como, teve uma ideia extravagante: começou a sonhar acordada, e, como não há loucura que não roce as asas pelo delírio da imaginação, acabou por ver naquela flor misteriosa uma saudade que lhe enviava de além-túmulo aquele que a amara.

Abraçado assim o romance da flor com o culto do seu passado, é fácil adivinhar como ele não caminharia depressa ao desenlace: por mais absurda e impossível que a razão lhe apresentasse semelhante aliança, o coração a desejava, e ela se fez.

Uma noite resolveu conhecer quem era o seu desconhecido. Recostou-se por dentro da vidraça, na penumbra da janela. O aposento não tinha luz; era impossível vê-la de fora.

Esperou muito tempo.

Às duas horas sentiu ranger a chave na fechadura do portão, que se abriu dando passagem a um vulto. A treva era

A Viuvinha

espessa, Carolina mal distinguia; mas pôde ver o vulto parar defronte de sua janela, ficar imóvel tempo esquecido, e por fim deixar a carta e sumir-se.

Durante mais de meia hora a respiração ardente daquele homem e o hálito suave daquela menina aqueceram uma e outra face do vidro frágil que os separava.

Carolina, que defendera por mais de quatro anos a memória de seu marido, que resistira a todas as seduções do mundo, sucumbiu à força poderosa desse amor puro e desinteressado.

Carolina amou.

Amava uma sombra morta; começou a amar uma sombra viva.





## Capítulo XVI

O coração de Carolina sucumbira, mas não a sua vontade. Amava e combatia esse amor, que julgava traição. Uma esposa virtuosa, presa de alguma paixão adúltera, não sustenta uma luta mais heroica do que a dessa menina contra o impulso ardente do seu coração.

Esgotou todos os recursos. Às vezes procurava convencer-se da extravagância dessa afeição. Dizia a si mesma que ela não conhecia daquele homem senão o vulto. Sabia ao menos se era digno dos sentimentos que inspirava?

Essa desconfiança a alimentava quinze dias, um mês; depois dissipava-se como por encanto para voltar de novo.

Assim passou mais de um ano. Carolina tinha gasto e consumido toda a sua força de resolução: combatia ainda, mas já não esperava, nem desejava vencer.

Nestas disposições, uma noite se recostara à penumbra da janela, para esperar, como de costume, a sombra que vinha depor a muda homenagem do seu amor. O ar estava abafado; ergueu a vidraça, contando fechá-la logo depois.

Mas o seu espírito envolveu-se em uma das cismas em que agora vivia de novo engolfada, e nas quais muita vez por uma bizzarria de sua imaginação o vulto desconhecido lhe aparecia com o rosto de Jorge.

Quando deu fé, o vulto estava defronte dela, parado na sombra. Vendo-se, ambos fizeram o mesmo movimento para retirar-se e ambos ficaram imóveis, olhando-se nas trevas. Passado um longo instante, Carolina afastou-se lentamente da janela; o desconhecido deixou a flor e desapareceu.

Essas entrevistas mudas continuaram por muito tempo, até que em uma delas o vulto saiu de sua imóvel contemplação, chegou-se por baixo da janela, tomou a mão da moça e beijou-a. Carolina estremeceu ao toque daquele beijo de fogo; quando lhe passou a vertigem que a tomara de súbito, nada mais viu.

Decorreram muitas noites sem que o desconhecido aparecesse.

Foi então que Carolina reconheceu a força desse amor misterioso. Recostada à janela, ansiosa, esperava pela hora da entrevista, e muitas vezes a estrela-d'alva, luzindo no horizonte, achou-a na mesma posição. O primeiro raio da manhã apagava-lhe o último raio de esperança.

Partilhada entre a **ideia** de que seu amante a houvesse esquecido, ou de que lhe tivesse sucedido alguma desgraça, sentia todas essas inquietações que requintam a força da paixão.

Enfim o vulto apareceu de novo. Foi na véspera.

Carolina não pôde reprimir um grito do coração; mas o desconhecido, insensível à sua demonstração, contemplou-a por muito tempo; e beijando-lhe a mão como na primeira vez deixou-lhe a flor envolta na carta.

Sentiu ele ou não a doce pressão da mão da moça? O que sei é que voltou sem proferir uma palavra.

Abrindo a carta Carolina viu pela primeira vez algumas frases escritas, que seus olhos devoraram com avidez.

Dizia:

*“Amanhã à meia-noite no jardim. É a primeira ou a última prece de um imenso amor.”*

Mais nada; nem data, nem assinatura.

O que pensou Carolina durante as vinte e quatro horas que sucederam à leitura dessa carta, não o posso eu exprimir, minha prima; adivinhe. A luta renasceu no seu espírito entre o respeito profundo pela memória de seu marido e o amor que a dominava.

Essa luta violenta durava ainda no momento em que a encontramos; depois do combate cruel, o coração tinha transigido com a razão, o amor cedera ao dever. Carolina resolvera que a entrevista pedida seria a primeira, mas também a última. Quebraria o fio dourado dessa afeição, para não entrelaçá-lo à teia negra do seu passado.

Cumpriria o seu voto?...

Ela mesma não o sabia; tinha medo que lhe faltassem as forças; e para ganhar coragem relia nesse momento a carta em que seu marido, na mesma noite do casamento, se despedira

dela para sempre.

Não transcrevo aqui essa longa carta para não entristecê-la, D..., porque nunca li coisa que me cortasse tanto o coração. Jorge explicava à sua mulher a fatalidade que o obrigava, ele, sujeitado à morte, a consumir esse casamento, que a devia fazer desgraçada, mas que ao menos a deixava pura e sem mácula.

Pela primeira vez depois de cinco anos Carolina trajava de branco; mas as fitas dos laços, as pulseiras, o colar, eram pretos ainda. Até no seu vestuário se revelava a luta que se passava em sua alma: o branco era a aspiração, o sonho do futuro; o preto era a saudade do passado.

Quando acabou de ler aquela carta, que sempre lhe arrancava lágrimas, sentiu-se com forças de resistir aos impulsos do coração; sentiu-se quase santificada pela evocação daquele martírio; e, ainda inquieta, esperou.

Pouco depois a pêndula vibrou uma pancada.

Carolina assustou-se e levou os olhos ao mostrador. A agulha marcava onze e meia horas.

A moça fez um esforço, ergueu-se rapidamente, entrou na sala e desceu ao jardim, ligeira e sutil como uma sombra. A alguma distância havia um berço feito de cedros, onde a treva era mais densa. Aí sentou-se.

À meia-noite em ponto o vulto apareceu, e, guiado pelo vestido branco de Carolina, aproximou-se dela e sentou-se no mesmo banco de relva. Seguiu-se um longo momento de silêncio; o desconhecido não falava; o pudor emudecia a menina cândida e inocente.

Mas não era possível que esse silêncio e essa imobilidade continuassem; o desconhecido tomou as mãos de Carolina e apertou-as; as suas estavam tão frias que a moça sentiu gelar-se-lhe o sangue ao seu contato.

— A senhora me ama?...

A voz do moço pronunciando essas palavras se tornara tão surda que perdera o metal para tornar-se apenas um sopro.

A menina não respondeu.

A Viuvinha

---

— É o meu destino que eu lhe pergunto! — murmurou ele.  
Carolina venceu a timidez.

— Não sabe a minha história? — disse ela.

— Sei.

— Então compreende que não posso, que não devo amar a ninguém mais neste mundo!

A moça sentiu que seu amante lhe cerrava as mãos com uma emoção extraordinária; teve pena dele, e conheceu que não teria forças para consumir o sacrifício.

— Não me pode... não me deve amar... E por que razão me deixou conhecer uma esperança vã?

— Por quê?... — balbuciou a menina.

— Sim, por quê?... Zombava de mim!

— Oh! não! Não pensava no que fazia. Era mais forte do que a minha vontade!

— Mas então me ama?... É verdade?... — perguntou o desconhecido, com ansiedade.

— Não sei.

— Para que negá-lo?

— Pois sim! É verdade! Mas é impossível!

— Não compreendo.

— Escute: não estranhe o que lhe vou dizer, não me crimine pelo passo que dei. Fiz mal em vir aqui, em esperá-lo; mas tenho eu culpa?... Faltou-me o ânimo de recusar-lhe o que me pedira... E vim somente para suplicar-lhe...

— Suplicar-me?... o quê?

— Que se esqueça de mim, que me abandone!

— Importuno-a com a minha afeição?...

— Não diga isso!

— Seja indiferente a ela.

— Se eu pudesse...

— Não pode?... Então dê-me a felicidade.

— Se estivesse em mim!... Porém já lhe confessei; é impossível.

— Por que motivo?

— Eu devo... eu sinto que amo a meu marido.

— Morto?...

— Sim.

Houve uma pausa.

— Parece-lhe ridículo esse sentimento; não é assim? Mas foi o primeiro, cuidei que seria o último. Deus não permitiu!... E por isso às vezes julgo que cometo um crime aceitando uma outra afeição... Devo ser fiel à sua memória!... Quem me diz que esse remorso não envenenará a minha existência, que a imagem dele não virá constantemente colocar-se entre mim e aquele que me amar ainda neste mundo?... Seríamos ambos desgraçados!

Um beijo cortou a palavra nos lábios de Carolina.

Momentos depois duas sombras resvalaram-se por entre as moitas do jardim e perderam-se no interior da casa. Tudo entrou de novo no silêncio.

Na manhã seguinte às nove horas, Dona Maria e o Sr. Almeida conversavam amigavelmente na sala de jantar, onde acabavam de servir o almoço.

O velho negociante, depois da entrevista com o filho de seu amigo, não se cabia de contente, e viera preparar a mãe e a filha para mais tarde receberem a notícia inesperada, que era ainda um segredo, só conhecido de duas pessoas.

O assunto era melindroso, e a sua habilidade comercial nada adiantava em negócios de coração; não sabia por onde começar.

Nisto, Dona Maria chamou sua filha.

— Vem almoçar, Carolina.

— Já vou, mamãe, respondeu a menina do seu quarto, estou à espera de Jorge.

A pobre mãe julgou que sua filha tinha enlouquecido, e ergueu-se precipitadamente para correr a ela. Mas a porta abriu-se e Carolina entrou pelo braço de seu marido. Desmaio, espanto, surpresa e alegria, passo por tudo isto que a senhora imagina melhor do que eu posso descrever.

Depois do almoço, Jorge e sua mulher, passeando no jardim, pararam junto ao lugar onde haviam estado na véspera.

— Aqui!... — disse a menina, sorrindo entre o rubor.

— Foi o meu segundo berço! — replicou Jorge.

— Por que dizes berço?

— Porque nasci aqui para esta vida nova. Oh! tu não sabes!... Depois que reabilitei o nome de meu pai e o meu, ainda me faltava uma condição para voltar ao mundo.

— Qual era?

— A tua felicidade, o teu desejo. Se tivesses esquecido teu marido para amar-me sem remorso e sem escrúpulo, eu estava resolvido... a fugir-te para sempre!

— Mau!... se eu te deixasse de amar, não era para amar-te ainda?... Ah! Não terias ânimo de fugir-me.

— Também creio.

Jorge e sua mulher são hoje nossos vizinhos; têm uma fazenda perfeitamente montada. Para evitar a curiosidade importuna e indiscreta, haviam imediatamente abandonado a corte.

A boa Dona Maria já está bastante velha. O Sr. Almeida partiu há seis meses para a Europa, tendo feito o seu testamento, em que instituiu herdeiros os filhos de Jorge.

Carlota é amiga íntima de Carolina. Elas acham ambas um ponto de semelhança na sua vida: é a felicidade depois de cruéis e terríveis provanças. As nossas famílias se visitam com muita frequência; e posso dizer-lhe que somos uns para os outros a única sociedade. Isto lhe explica, D..., como soube todos os incidentes desta história.



## O autor

José Martiniano de Alencar nasceu em Messejana, hoje região metropolitana de Fortaleza, no Ceará, em 1º de maio de 1829 e faleceu no Rio de Janeiro, em 12 de dezembro de 1877. Era filho ilegítimo do padre José Martiniano de Alencar, que viria a se tornar senador do Império, e de sua prima de primeiro grau dona Ana Josefina de Alencar, relação considerada escandalosa à época. Obteve reconhecimento da paternidade apenas em 1853, através da *Escritura de Reconhecimento e Perfilhação de Filhos Espúrios*. Casou-se com Georgiana Cochrane no mesmo ano em que lançaria uma de suas obras mais conhecidas, *Iracema*.

Formou-se em Direito e ingressou na vida política pelo Partido Conservador, elegendo-se deputado e chegando a ministro da Justiça. Antes, porém, quando ainda cursava direito, fundou a revista *Ensaio Literários*, que publicou artigos seus.

No Correio Mercantil, estreou como folhetinista. E, em 1856, publicou o primeiro romance, *Cinco minutos*, ao que seguiria *A Viuvinha*, em 1857. *O Guarani*, de 1857 — uma de suas obras mais celebradas — faz com que Alencar seja elevado à categoria dos grandes escritores brasileiros. Uma curiosidade é que estes romances foram publicados inicialmente em jornais e só depois em formato de livro.



*Casa de José de Alencar em Messejana, hoje ponto turístico na Região Metropolitana de Fortaleza.*

Conhecido como um dos maiores escritores da Literatura brasileira, José de Alencar é considerado o consolidador do romance no Brasil, tendo sido escolhido por Machado de Assis para patrono da Cadeira nº 23 da Academia Brasileira de Letras.

## **A obra de José de Alencar**

José de Alencar figura como um dos mais importantes autores da literatura brasileira. Tido como o consolidador do romance no Brasil, estilo que ganhara fôlego com o advento da imprensa, teve sua **estreia** no gênero, o romance *Cinco minutos*, publicado em forma de folhetim. Alencar escreveu também poesia, peças de teatro, novelas, crônicas, ensaios, cartas e discursos, o que torna sua obra uma das mais vastas da literatura brasileira.

## **O teatro de Alencar**

As peças de José de Alencar fizeram grande sucesso à época, embora sejam pouco conhecidas na atualidade. Abordavam principalmente os costumes da época, como a peça *O Demônio Familiar*, de 1857. As outras peças são: *Verso e reverso*, 1857; *O crédito*, 1857; *As asas de um anjo*, 1858; *Mãe*, 1860; *A expiação*, 1867; *O jesuíta*, 1875.

## **A poesia de Alencar**

Assim como seu teatro, a poesia de Alencar não encontra grande repercussão na contemporaneidade. Cultivando as várias formas de poesia, como sonetos e poemas longos, seus temas abrangiam também o amor e descrições da paisagem urbana carioca.

## **Alencar romancista**

Os romances de Alencar foram considerados pela crítica suas produções mais importantes. Manifestando expressamente suas convicções políticas e sociais, estas profundamente ligadas a um pensamento nacionalista, conservador, monárquico, latifundiário (Alencar era grande proprietário rural) e escravocrata, suas obras buscam retratar o Brasil em todas as dimensões, de

## A Viuvinha

norte a sul, litoral e sertão, o urbano e rural.

Suas temáticas são divididas pedagogicamente em:

Romances urbanos ou de costumes — Ambientados no Rio de Janeiro à época do Segundo Reinado, esses romances abordam aspectos negativos da vida burguesa de então. Seus enredos trazem intrigas de amor e revelam o lado interesseiro de alguns personagens, sempre com o amor vencendo no final. São exemplos desses romances *Cinco minutos*; *A viuvinha*; *Sonhos d'Ouro*; e *Encarnação*.

É nesse tipo de romance alencarino que encontram-se também os perfis urbanos femininos, como em: *Lucíola*, *Diva* e *Senhora*, que abordam a vitória do amor sobre as dificuldades da vida; o amor puro entre jovens; as decepções do amor perante o interesse financeiro; os casamentos por dinheiro ou vingança, sempre com o amor promovendo a redenção dos pecados.

Romances históricos — Dois romances históricos compõem a obra de Alencar: *As minas de prata* e *A Guerra dos Mascates*, que tratam de temas históricos do período colonial brasileiro. O primeiro retrata o início da busca por ouro e prata no Brasil, e o segundo aborda o conflito que marcou as cidades do Recife e de Olinda no século XVIII. A classificação de romances históricos é apenas para fins de estudo, pois, se repararmos bem, os romances indianistas de Alencar também possuem uma orientação histórica.

Romances regionais — Alencar também escreveu duas obras que podem ser classificadas como romances regionais. São elas: *O sertanejo*, que descreve de modo mais próximo da realidade o nordestino, e *O gaúcho*, que, segundo alguns críticos, apresenta muitas falhas na descrição do ambiente sulista. Há, nesses dois romances, o ideal do bom selvagem, que iria guiar toda a obra indianista de Alencar.

Romances rurais — *Til* e *O tronco do ipê* são considerados romances rurais, pois são ambientados no interior, no ambiente rural de São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente.

Romances indianistas — Os romances indianistas de Alencar são considerados verdadeiras obras-primas do romantismo brasileiro. São três no total: *O guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*. Esses romances trazem como principal marca o nacionalismo

e a exaltação da natureza pátria, proposta recorrente do romantismo. Há também um panorama histórico nessas obras, pois elas trazem alguns aspectos do início da colonização brasileira (obviamente segundo o olhar romântico). Em *O guarani*, por exemplo, Alencar pesquisou alguns documentos quinhentistas para construir a trama, que traz um personagem inspirado em D. Antônio de Mariz, fidalgo português e um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro.

A natureza dos romances indianistas de Alencar é descrita de forma exuberante, quase em forma de elogio ao país natal. É nela que habita o grande herói dos romances alencarinos, o índio.

O índio descrito por Alencar, no entanto, não é em nada parecido com a realidade. É um índio europeizado, que revela modos de agir e falar civilizados, como se o índio fosse um habitante natural das cidades e conhecesse todos os hábitos e maneiras de vida citadinos.

Em *Iracema*, há uma referência à própria “criação” do Brasil: a índia dos lábios de mel conhece o bravo desbravador europeu, com quem se casa e dá início à miscigenação do povo brasileiro.

Essa busca pelo herói nacional e por retratar temas de interesse da nação é um projeto romântico, como se pode verificar na próxima seção deste estudo.

## **Romantismo no Brasil: panorama sócio-histórico**

O Romantismo no Brasil tem como marco inicial o livro *Suspiros poéticos e saudades*, de Gonçalves de Magalhães, publicado em 1836. Nessa época, o panorama cultural do Brasil passava por mudanças, e o Romantismo representa todo um projeto cultural e artístico desse contexto **socioeconômico**.

Iniciado na Itália, na Alemanha e na Inglaterra, mas tendo se realizado mais contundentemente na França, o Romantismo se realizou através da poesia lírica e dos romances. A poesia romântica, repleta de metáforas, palavras estrangeiras, frases diretas e comparações, tinha como principais temas amores platônicos, fatos históricos nacionais, a morte e seus mistérios.

Exemplo disso são algumas obras românticas que se tor-

## A Viuvinha

naram marcos desse movimento: *Cantos e Inocência*, do poeta inglês William Blake; *Os Sofrimentos do Jovem Werther* e *Fausto*, do alemão Goethe; *Baladas Líricas*, do inglês William Wordsworth; poesias de Lord Byron; *Os Miseráveis*, de Victor Hugo; e *Os Três Mosqueteiros*, de Alexandre Dumas.



*O Brasil, à época do Romantismo, passava por transformações políticas intensas. Uma delas, talvez a mais importante, foi a Independência, que tornou o país oficialmente livre do domínio português. Esse fato trouxe à tona também a necessidade de se construir uma simbologia nacional, com elementos que representassem a “brasilidade”. Nesse momento, surgiu a imagem do índio como herói nacional.*

A prosa romântica tem início com a obra *Os sofrimentos do jovem Werther*, do autor alemão Goethe. Da Alemanha, a prosa romântica foi para a França, onde encontrou grande receptividade, principalmente porque esse novo modo de escrever refletia o espírito da burguesia, que tinha recentemente deposto o absolutismo e buscava uma identidade cultural. Pode-se dizer assim que o Romantismo é uma arte da burguesia, feita pela burguesia e para o deleite da burguesia.

O principal veículo de circulação das obras românticas era o folhetim, também recém-estabelecido na sociedade em decorrência do advento da imprensa. Esses folhetins eram mais ou menos o que as novelas são hoje.

É importante ressaltar que um romance, no sentido literário, se refere a um gênero da literatura, e não especificamente a uma história de amor. Um romance é uma narrativa em prosa que apresenta vários personagens e situações que interagem segundo a trama, o enredo.

As principais características dos romances românticos são:

- sentimentalismo exagerado ou conflito amoroso, que tende a ser resolvido com a vitória do amor;
- tensão entre o bem e o mal, na qual o mal é personificado em um personagem, o antagonista, que se opõe ao herói, criando-lhe problemas ou impedindo o ato **heroico**;
- personagens sem profundidade psicológica (personagem plana), sem conflitos internos, geralmente idealizadas e com ações previsíveis;
- vitória do bem sobre o mal, ou do amor sobre as intrigas, com final feliz.



*Quasimodo, personagem central do romance O corcunda de Notre-Dame, um dos clássicos da literatura mundial, de autoria de Victor Hugo.*

O Romantismo no Brasil ocorre dentro de um panorama histórico e social bastante agitado. Em 1808, a Corte portuguesa se muda para o Brasil, devido ao ataque das tropas de Napoleão a Portugal. Esse fato trouxe mudanças significativas na estrutura social do País, como o desenvolvimento da imprensa, o principal impulsionador das atividades literárias do País.

É nesse período que ocorre a Independência do Brasil (7 de setembro de 1822) e o crescimento econômico, impulsionado pela economia do café, o que proporcionou a instalação de indústrias, estradas de ferro, bancos etc.

Os aglomerados urbanos se tornaram verdadeiros centros consumidores de cultura, nos quais se assistia aos espetáculos das mais diversas linguagens artísticas. Em fins do século XIX, instituições de ensino superior se proliferaram pelo Brasil, o que proporcionou o aumento do debate acerca das atividades artísticas em nosso território.

Esse momento marca também a busca de uma identidade nacional e de certa lusofobia, principalmente depois do governo autoritário de D. Pedro I. A classe burguesa, formada principalmente por comerciantes e industriais, começava a ganhar representatividade na hierarquia social, tornando seu estilo de vida o mais comum nas grandes cidades.

No Brasil, para fins de estudo, o Romantismo costuma ser dividido em três fases ou gerações:

1ª Geração - fase nacionalista ou indianista, caracterizada por se deter em temas relativos a fatos históricos e à vida do índio.

O índio foi caracterizado pelos românticos da primeira geração como o herói nacional, símbolo cultural do Brasil. Foi concebido como o “bom selvagem», ou seja, o índio nascia bom e justo, a sociedade é que o corrompia.

Os principais autores dessa fase são: Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Araújo Porto Alegre e Teixeira e Souza.

2ª Geração - conhecida como mal do século, byroniana ou Ultrarromântica. Os autores desta segunda geração se caracterizam pelos temas amorosos cantados de forma exagerada, com excesso de sentimentalismo. Sua poesia também apresenta forte

pessimismo, abordando temas como morte, tristeza, decadentismo da vida e da sociedade.

Pode-se observar também o individualismo, egocentrismo, desilusão, tédio e fuga da realidade, muitas vezes através da recriação idealizada da infância. As mulheres idealizadas pelos poetas, geralmente virgens sonhadas, às quais eles nunca conseguirão alcançar ou ter contato. Os principais poetas dessa fase são Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire e Fagundes Varela.

3ª Geração — também chamada geração condoreira ou hugoana, devido à influência do escritor francês Victor Hugo, essa geração se caracteriza principalmente por abordar temáticas político-sociais, principalmente a temática da escravidão. É permeada pelos ideais de igualdade, justiça e liberdade.

O símbolo dessa geração é o condor, ave que habita as cordilheiras dos Andes e que representa a liberdade. Os principais autores dessa geração são Castro Alves e Sousândrade.

No plano formal, o Romantismo na poesia se caracterizou por cultivar tanto a métrica dos poemas quanto o verso livre, fugindo da rigidez das formas poéticas em vigor até então.

Já a prosa romântica pode ser dividida em:

- urbana: ambientada na cidade do Rio de Janeiro, onde se instalara a Corte, geralmente abordando temas leves e a vida cotidiana da sociedade burguesa carioca. Seus principais autores são: Joaquim Manuel de Macedo, Manuel Antônio de Almeida e José de Alencar.

- indianista: ambientada nas matas brasileiras, identifica a figura do índio como herói nacional, sendo esse índio, porém, idealizado, com traços culturais europeus. Seu principal autor é José de Alencar.

- regionalista: ambientada em cidades rurais, no interior do país. Seus principais autores são: José de Alencar, Bernardo Guimarães, Visconde de Taunay e Franklin Távora.

- histórica: aborda temas da formação histórica do Brasil dos tempos da colonização. José de Alencar é o principal representante desse tipo de prosa romântica.

## Resumo da Obra

Ambientado na cidade do Rio de Janeiro, o romance conta a história de amor de Jorge e Carolina. Escrito em formato de carta, um narrador conta a história a sua prima, uma interlocutora que por vezes é evocada, mas não aparece e, identificada apenas por “D.”

Jorge é órfão de um rico comerciante do Rio de Janeiro. Quando seu pai morreu, tinha apenas 17 anos e ficou aos cuidados de um tutor, o Sr. Almeida, homem de grande confiança do comerciante, até que fosse maior de idade. Tendo completado a maioridade, o jovem esbanja toda a fortuna deixada pelo velho pai em festas, orgias e luxo, vivendo “essa vida dos nossos moços ricos”, conforme se afirma na obra, por três anos.

Com o passar do tempo, esse modo de vida pareceu desagradável e monótono, o rapaz se sentia vazio, sentia a falta de algo verdadeiro. Certo dia, ao sair para “respirar ar fresco”, o rapaz vai até a igreja e lá vê uma linda moça, de aparentemente 15 anos, acompanhada da mãe (Dona Maria). Jorge fica impressionado com a beleza da moça e, quando ela vai embora, ele a acompanha à distância para saber onde mora. Eles se apaixonam.

O casal, então, namora e planeja casar-se, quando Jorge descobre, avisado pelo antigo tutor, Sr. Almeida, que sua fortuna acabou e nem sequer quitou as antigas dívidas do pai. Ele agora é um homem pobre, falido. O rapaz se desespera e procura um modo de se livrar de um futuro de miséria. Pensa em desistir do casamento, mas, por outro lado, teme pela reputação da sua noiva.

Jorge decide se casar e na noite de núpcias, dá uma bebida com algo que faz a moça dormir profundamente. Sem consumir o casamento, Jorge foge e vai a um beco, onde, **frequentemente**, encontram-se corpos de pessoas que se suicidam. Perto desse local, trabalhadores ouvem tiros. Ao chegarem para ver o que tinha ocorrido, encontram um corpo de homem com o rosto desfigurado, a carteira no bolso e um bilhete que pedia a quem encontrasse o corpo, o enterrasse sem comunicar a família e amigos. Estando o Sr. Almeida presente nesse momento, pois havia seguido, em segredo, o protegido, lamentou muito a tragédia.

Para a surpresa do leitor, na verdade, Jorge não havia se suicidado conforme se acredita, ele fingiu a sua morte indo morar nos Estados Unidos para poder ganhar tempo, trabalhar e conseguir

reparar seus erros. Ele pretendia pagar as dívidas deixadas pelo pai em honra do nome da família e ainda conseguir acumular alguma fortuna para poder viver dignamente com a sua esposa.

Após cinco anos, Jorge retorna ao Rio de Janeiro se passando por estrangeiro, agora, com o nome de Carlos. Vive de modo muito simples para poder guardar todo o dinheiro que consegue para alcançar seus objetivos. Reencontra Carolina, que permanece fiel à memória do esposo que ela acredita estar morto. O rapaz tenta se aproximar, em segredo, da mulher, agora, conhecida por “viuvinha”.

Com a ajuda do Sr. Almeida e outro amigo, Jorge consegue quitar todas as dívidas do pai. Ele tenta seduzir a viuvinha. A moça não cede aos galanteios e declarações do rapaz, pois ela jura que não teria outro homem. Para que ela ceda, Jorge, então, decide contar a verdade à moça. Com tudo esclarecido, eles se abraçam e podem, enfim, consumir o casamento.

No fim da trama, o casal se muda para uma fazenda distante da cidade, onde vive muito feliz, junto com Dona Maria, a mãe de Carolina. A história é carregada de sentimentalismo, excesso de descrições e trata da valorização do amor eterno e da honra acima de tudo. Tais elementos são coerentes com o estilo do autor e da época em que foi produzido o Romantismo.

## Análise Crítica

Depois, com as mãos entrelaçadas, iam ambos **sentar-se** a um canto do jardim, onde a sombra era mais intensa, e aí conversavam baixinho um tempo esquecido; ouvia-se apenas o doce murmúrio das vozes, interrompidas por esses momentos de silêncio em que a alma emudece, por não achar no vocábulo humano outra linguagem que melhor a exprima. (p.7)

- O trecho destacado apresenta o namoro do casal Jorge e Carolina, protagonistas do romance. Os dois namoravam no jardim da casa da moça, com a supervisão da mãe, Dona Maria, uma simpática senhora.
- Ambientado no Rio de Janeiro, por volta de 1857, o romance traz informações sobre hábitos e rotina da vida

das pessoas que moravam na corte. Uma delas aparece no trecho acima, a referência ao namoro antigo, em que o casal não poderia ter muitos contatos físicos, havia dia e horário determinados para os encontros, tudo conforme os costumes da época.

- A moça tinha uma reputação a zelar, e o rapaz, precisava defender a sua honra. Daí a importância de se evitar situações comprometedoras para ambos, pois poderiam macular a imagem um do outro e também das famílias.
- A linguagem utilizada é carregada de sentimentalismo, característica importante e que permeia toda a obra. Escrita em meados do século XIX, *A viuvinha* pertence ao Romantismo brasileiro, época em que se valorizava a descrição exagerada de sentimentos, o individualismo, em que o discurso se concentra no “eu” (primeira pessoa), entre outros aspectos.
- Jorge é representado, nesse momento, como um jovem sério e muito bem intencionado com a moça. Porém, seu passado demonstra que já cometeu muitos erros e viveu por três anos uma vida desregrada, gastando **inconsequentemente** toda a herança deixada pelo seu pai.

— Sou negociante, e sei o que é o comércio. Depois que o vi finalmente voltar à vida regrada, quis ocupar-me de novo dos seus negócios; indaguei, informei-me e ontem terminei o exame da sua escrituração, que obtive de seus caixeiros quase que por um abuso de confiança. O resultado tenho-o aqui.

O velho pousou a mão sobre a carteira.

—E então? — Perguntou Jorge com ansiedade.

O Sr. Almeida, fitando no moço um olhar severo, respondeu lentamente à sua pergunta inquieta:

— O senhor está pobre! (p. 20)

- Jorge é o único herdeiro de um rico comerciante da cidade do Rio de Janeiro. Ao morrer, seu pai deixou uma boa quantia em dinheiro para o filho e o deixou sob os cuidados do Sr. Almeida, o tutor de Jorge e homem de

confiança da família.

- Assim que Jorge completou a maioridade, passou a administrar sozinho os bens deixados pelo pai. Acreditando que teria o suficiente para viver bem e confortavelmente, passou a esbanjar tudo em festas, com amigos e amantes. Sequer pagou as dívidas que existiam no nome do pai.
- O trecho relata o momento em que Jorge é avisado pelo tutor, Sr. Almeida, que estava falido e pobre. O rapaz se desespera, pois não estava acostumado a viver sem os luxos que o dinheiro comprava.
- Às vésperas de seu casamento com Carolina, Jorge pensa em desistir de tudo para que a moça não sofra. Porém, se ele o fizesse, poderia manchar a reputação da noiva, pois ela seria mal vista pela sociedade.
- Assim, ele decide cumprir a sua palavra e casar-se com a moça. Porém, teme como será sua vida sem dinheiro, sem a reputação perdida com as dívidas de seu pai.

O moço afastou-se da praia, e desapareceu por detrás de alguns montes de areia que se elevavam aqui e ali pelo campo.

Meia hora depois ouviram-se dois tiros de pistola [...] e viram sobre a areia o corpo de um homem, cujo rosto tinha sido completamente desfigurado pela explosão da arma de fogo.

Um dos guardas meteu a mão no bolso da sobrecasaca, e achou uma carteira contendo algumas notas pequenas, e uma carta apenas dobrada, que ele abriu e leu:

“Peço a quem achar o meu corpo o faça enterrar imediatamente, a fim de poupar à minha mulher e aos meus amigos esse horrível espetáculo. Para isso achará na minha carteira o dinheiro que possuo.

Jorge da Silva. 5 de setembro de 1844. (p. 48-49)

- Num ato de desespero, Jorge foge de casa, na noite de núpcias sem consumir o casamento. Ele se sentia fracassado e envergonhado por ter estragado a herança deixada pelo seu pai e ainda por não conseguir honrar com as dívidas que ele deixou.

A Viuvinha

- Para a sociedade da época, a desonra de uma família era pior do que encarar a morte. Os valores morais têm forte influência sobre as atitudes das pessoas que prezam em guardar os costumes e manter uma boa reputação, ainda que aparentemente.
- Não tendo consumado o casamento, ele deixaria Carolina livre para reconstruir a vida, caso quisesse casar com outro homem.
- Perceba o tom pessimista e trágico da obra. Essas características são comuns ao Romantismo, que prezava pelo excessivo sentimentalismo, levando as personagens ao nível extremo de desistir da vida por não honrar o nome da família.
- Jorge planeja seu suicídio e o faz, pedindo, através de um bilhete, para quem encontrar o seu corpo o enterre para poupar sua família e amigos de passar por isso.
- Assim, a jovem senhora torna-se viúva, e ficará conhecida como “viuvinha”, por ser ainda tão jovem, bonita e ter sido vítima de uma grave atitude tomada pelo marido.

O Sr. Almeida fitou os seus olhos pequenos, mas vivos, no rosto do moço, que não pôde deixar de corar; e, apertando-lhe a mão com uma expressão significativa, disse-lhe:

— Sei tudo!

— Como? — perguntou Carlos admirado ao último ponto.

— É aqui que costuma jantar. E por isso adivinho qual tem sido a sua existência durante esses cinco anos. Impôs-se a si mesmo o castigo da sua antiga abundância; puniu o luxo de outrora com a miséria de hoje. É nobre, mas é exagerado. [...]

— Jorge!... — exclamou o negociante, comovendo-se.

Alguns instantes depois o Sr. Almeida despediu-se do moço. (p.68-73)

- Após o episódio do suposto suicídio de Jorge, a história continua cinco anos mais tarde, com uma personagem nova, um comerciante estrangeiro chamado Carlos.

- No decorrer da narrativa, reaparece o Sr. Almeida, estranhamente como antigo conhecido do tal rapaz. Só depois percebemos que, na verdade, Carlos é Jorge, que forjou a própria morte para conseguir ganhar tempo e recuperar a fortuna perdida. Só assim retornaria a vida novamente, quando pagasse as dívidas que ainda estariam em nome de seu pai e pudesse dar uma vida confortável à sua esposa.
- Jorge foi para os Estados Unidos e, com a ajuda do antigo tutor, aproveitou-se de um corpo sem identificação de um homem que se suicidou e fingiu ser ele. Vivendo no exterior, ele conseguiu se reerguer financeiramente e após cinco anos, voltou para o Rio de Janeiro.
- Sr. Almeida também o ajudou a resgatar as últimas dívidas de seu pai. Após quitá-las, o rapaz se sente à vontade para retomar a vida. Porém, tem dúvidas se o seu grande amor ainda o amará.

Carolina gozava desse prazer, que nos faz parecer tudo novo e mais belo do que na véspera, quando descobriu entre o vidro da janela um papel dobrado como uma sobrecarta elegante. A curiosidade obrigou-a a erguer-se, levantar a vidraça e tirar o objeto que lhe despertara a atenção.

Era realmente uma sobrecarta, fechada com endereço: a ela. (p. 86-87)

- A personagem Carolina é representada de maneira idealizada, sendo uma mulher pura, inocente e angelical. Chamava a atenção por sua exuberante beleza e por ser íntegra, mesmo acreditando que havia ficado viúva, permanecia fiel à memória de seu marido.
- Tais características correspondem ao Romantismo, movimento literário ao qual está veiculada a obra. A mulher era vista de forma idealizada, o amor romântico profundamente valorizado, assim como os sentimentos e desejos amorosos.
- Depois de viúva, Carolina passa a ser cortejada e cobiçada por todos os homens da corte, mas ela não tem interesse

em nenhum deles até que algo lhe chama a atenção. Ela passa a receber um bilhete, sem texto, apenas com uma rosa, todos os dias. Isso chama a atenção da viuvinha que fica encantada com a atitude do rapaz e se apaixona.

- Mesmo tendo se apaixonado, ela resiste e não cede às investidas do rapaz, de imediato. Resiste e tenta **afastar-se** dele dizendo ainda sentir amar o marido.

Nisto, Dona Maria chamou sua filha.

—Vem almoçar, Carolina.

— Já vou, mamãe, respondeu a menina do seu quarto, estou à espera de Jorge.

A pobre mãe julgou que sua filha tinha enlouquecido, e ergueu-se precipitadamente para correr a ela. Mas a porta abriu-se e Carolina entrou pelo braço de seu marido. Desmaio, espanto, surpresa e alegria, passo por tudo isto que a senhora imagina melhor do que eu posso descrever. (p. 95)

- No decorrer da leitura, compreendemos que, na verdade, o moço que cortejava Carolina deixando-lhe bilhetes com flores em segredo era o próprio Jorge. O rapaz queria ter certeza de que não havia sido esquecido pela esposa e de que ela ainda o amava.
- Tendo marcado um encontro com a viuvinha, Jorge tenta fazê-la confessar se ainda o ama, ou não, mesmo sem conhecê-lo, e percebe que ela ainda era fiel. Com isso, ele decide contar a verdade e retomar a vida de antes.
- Assim, o casal tem sua primeira noite de amor, que consuma o casamento e eterniza a união por toda a vida.
- Pela manhã, a moça aparece abraçada com o marido diante da mãe, que se assusta e desmaia. Depois de se recuperar, ela se alegra junto com a filha pelo retorno do marido.
- Depois de tudo isso, o casal decide se retirar da corte e passa a morar em uma fazenda para evitar possíveis especulações das pessoas. Assim, viveram felizes, um para o outro, cultivando o amor eterno que prometeram, que superou o tempo e retornou para a vida.